



**Lugares (im)possíveis para a criação artística:
Dinâmicas de programação no projecto cultural *Lavrar
o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina***

Rebeca Batista Lisboa Vendrell

Relatório de Estágio de Mestrado em Artes Cénicas

Lisboa, Maio de 2020

Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Cláudia Guerra Madeira.

Agradecimentos

Quero agradecer a toda a equipa do projecto cultural *Lavrar o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina*, pela forma como me receberam e integraram, pela confiança que me depositaram e por tudo aquilo que me ensinaram.

Um agradecimento muito especial à Madalena Victorino, pelo apoio incondicional que me prestou durante a escrita deste relatório.

Agradeço à minha Orientadora, Professora Cláudia Guerra Madeira, à minha família e amigos, que me acompanharam durante todo este processo.

Resumo

Este relatório resulta da experiência obtida no estágio realizado no projecto cultural *Lavrar o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina*, entre Setembro de 2019 e Janeiro de 2020. Apresenta uma reflexão sobre uma prática artística e cultural em meio rural, no contexto português, dividida em duas partes. A primeira parte caracteriza a experiência no terreno. A segunda parte desenvolve três pontos de reflexão aplicados ao estudo de caso, neste caso os quatro projectos performativos programados durante o estágio, designadamente:

1. A questão do *site specific*¹ e aquilo que neste existe de transgressivo, revelado através da deslocação da obra do seu lugar formal e habitual para um outro, que pertence a uma vida quotidiana e de como isso cria uma imprevisibilidade na experiência de recepção da obra. Por outro lado, a forma como *o lugar* influencia a criação e vice-versa, estabelecendo uma troca que coloca o espectador em situações singulares e novas;
2. A activação de novos públicos, apelando à participação das comunidades envolvidas;
3. A avaliação do impacto deste projecto num contexto local, regional, nacional e internacional.

Trata-se de uma reflexão sobre as problemáticas associadas à descentralização cultural e à democratização do acesso e da fruição das artes e da cultura, no contexto específico das artes performativas e deste projeto. Procura identificar e compreender as formas pelas quais o projecto *Lavrar o Mar* possibilitou uma mudança na percepção dos lugares e da vida das pessoas que vivem em meio rural, na serra de Monchique e na costa vicentina, região de Aljezur.

PALAVRAS CHAVE: Democratização cultural; Descentralização; Desenvolvimento de públicos; Comunidade; Programação cultural; Artes Performativas; Participação; *Site specific*; *Lavrar o Mar*.

¹ O termo *site specific* é referente a uma obra de arte/objecto artístico que é criado para uma sítio específico e que estabelece, por isso, uma relação com esse mesmo lugar.

Abstract

This report results from the experience obtained in the internship carried out in the cultural project *Lavrar o Mar, the arts in the high mountains and in the vicentina coast* (September 2019 to January 2020.) It reflects on an artistic and cultural practice in rural areas, in the Portuguese context, divided into two parts. The first part characterizes the experience on the field. The second part develops three points of reflection applied to the case study, in this case the four performance projects scheduled during the internship, namely:

1. The question of site specific and what is transgressive about it, revealed through the displacement of the work from its formal and regular place to another, which belongs to a daily life. This move creates an unpredictability in the experience of reception. On the other hand, the way the place influences creation and vice versa, establishing an exchange and enhancing unique and new situations to the viewers;
2. The activation of new audiences, calling for the participation of the communities involved;
3. Assessing the impact of this project in a local, regional, national and international context.

The report contributes to problematize about the issues of cultural decentralization and democratization of the access of the arts and culture, in the specific context of the performing arts. It aims to understand how *Lavrar o Mar* project enables a change in the perception of places and the lives of people who live in rural areas, in the Monchique mountains and on the Costa Vicentina, in the region of Aljezur.

KEYWORDS: Cultural democratization; Decentralization; Audience development; Community; Cultural programming; Performing Arts; Participation; Site specific.

Índice

1. INTRODUÇÃO
 - 1.1. *Lavrar o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina - Visão e Missão*
 - 1.2. **O Estágio no Contexto do Projecto**
 - 1.3. **Reflexões Pessoais: o Teatro e a Vida como Ponto de Partida**

2. EXPERIÊNCIA NO TERRENO
 - 2.1. **A Equipa e o seu Funcionamento**
 - 2.2. **Tarefas Realizadas durante o Estágio**
 - 2.2.1. Comunicação
 - 2.2.2. Bilheteira
 - 2.2.3. Produção

3. TRÊS ASPECTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A CULTURA E AS ARTES EM MEIO RURAL
 - 3.1. *Site Specific - A Adaptação dos Lugares Aliada à Criação*
 - 3.2. **Desenvolvimento de Públicos e Integração com as Comunidades**
 - 3.3. **Impacto do Projecto no Contexto Nacional e Internacional**
 - 3.4. **Problemáticas Inerentes a Dinâmicas e Práticas Culturais Socialmente Comprometidas**

4. CONCLUSÃO

5. BIBLIOGRAFIA

6. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

1.1. *Lavrar o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina* - Visão e Missão

Para podermos falar do Projecto Cultural *Lavrar o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina*, será necessário referir a Cooperativa Cultural LAVRAR O MAR CRL, fundada em 2014 pelos seus directores artísticos, Giacomo Scalisi e Madalena Victorino. Esta cooperativa cultural é, no fundo, a plataforma-mãe onde nascem os projectos da sua autoria, e cuja missão se centra no desenvolvimento de seminários, programas culturais, edições e projectos de criação artística apresentados em Portugal e no estrangeiro. As criações e produções acolhidas no contexto desta cooperativa centram-se no trabalho sobre a relação profunda que se pode estabelecer entre arte e sociedade. Têm como matéria essencial as artes performativas, usando o teatro, a dança, a música, o novo circo, a fotografia, a imagem, assim como as linguagens interdisciplinares contemporâneas. Todos os projectos e iniciativas assumem formas, dimensões e durações distintas, dependendo do projecto em questão. Há, no entanto, uma ideia comum a todo o trabalho, assente numa constante relação com os diferentes contextos sociais e culturais em que actua, assim como a exploração de territórios improváveis, que se reflecte na criação e construção de novas realidades *in loco*.

É dentro do contexto da cooperativa que surge, em 2016, o Projecto *Lavrar o Mar, as artes no alto da serra e na costa vicentina*, situado na região sudoeste do Algarve. Surge como uma semente fertilizante de território (Ferreira, 2019), numa confluência financeira favorável, num momento em que nasce também o programa cultural 365 Algarve², que tem como principal objectivo criar no território do Algarve um programa cultural com relevância internacional, nos meses de baixa densidade turística (Outubro a Maio). Esta iniciativa acabou por se tornar, ao longo destas quatro edições, o maior financiador do projecto. É importante referir que projectos como este coabitam todos os dias com a realidade (muito) frágil da procura incansável de outros apoios que assegurem a programação, as suas equipas, e permitam a sua expansão. Neste momento, o projecto conta com uma lista de financiamentos e co-financiamentos³ que lhe permitem, nesta 4^a

² Uma iniciativa das Secretarias de Estado da Cultura e do Turismo do Algarve, por sua vez financiado pelo Turismo de Portugal e RTA.

³ Co-financiado por: CRESCE Algarve 2020, Portugal 2020 e Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER). Financiado por: Ministério da Cultura, Turismo de Portugal e Turismo do Algarve, 365 Algarve, DGArtes e as Câmaras Municipais de Aljezur e de Monchique.

edição (Outubro de 2019 a Maio de 2020), visar uma programação muito rica, diversificada, de extrema qualidade e bastante extensa, ao longo dos seus nove meses de programação, com 14 projectos distintos⁴.

O projecto cultural *Lavrar o Mar* acontece na Costa Vicentina, um parque natural com 110 km de extensão, que tem como município vizinho Monchique, que se caracteriza por uma paisagem serrana única. Assim, surgiu como lógica a possibilidade de um projecto intermunicipal, sediado entre a vila de Aljezur, onde predomina uma forte ligação ao mar e à tradição piscatória, e a vila de Monchique, onde as tradições da serra se vivem ainda de forma intensa. O projecto surge precisamente de uma vontade de trabalhar e criar uma dinâmica cultural num eixo territorial onde não existiam uma prática e política cultural estruturadas e definidas, e que pudesse unir o universo da Serra e do Atlântico, através de uma dinâmica cultural e artística. Desta junção surgiram os binómios Arte-Natureza, Arte-Território e Arte-Cultura Local, que funcionam como directrizes para a construção da programação. A localização do projecto neste eixo Aljezur-Monchique, uma região de baixa densidade populacional, torna-se a matriz que define a forma como este acontece: ao mesmo tempo que traz a estes lugares criações nacionais e europeias contemporâneas e inovadoras, pretende conectar-se com as populações locais assim como com as suas tradições, renovando-as e reinventando-as.

É um projecto que assume uma forma de fazer e olhar diferentes, podemos dizer uma forma *obliqua*, que nos mostra que qualquer lugar se pode transformar numa sala de espectáculo e que as artes performativas se podem assumir como parte integrante da vida da população. Inerente a esta dinâmica, existe outro aspecto que, a meu ver o faz crescer ainda mais, e que é a importância e responsabilidade artística que este assume face às grandes clivagens e desigualdades que marcam o universo das populações que habitam este Algarve do Sudoeste. Apesar de continuar a ser uma região de baixa densidade, tem assistido recentemente a um aumento da sua população, deixando de ser apenas um destino de férias, para ser um ponto estável de vivências quotidianas. Têm chegado comunidades muito distintas, entre estrangeiros com idade avançada que escolhem este lugar para passar a última parte da sua vida, ou estrangeiros jovens que optam por um estilo de vida alternativo e sustentável, até aos locais que partem e voltam, ficando

⁴ A escrita deste relatório concluiu-se em Maio de 2020, atravessando desta forma a pandemia de COVID-19. Esta nota de rodapé foi acrescentada, num momento em que toda a programação foi cancelada, a equipa reduzida e o projeto seriamente comprometido. Mas isso seria motivo para uma reflexão completamente distinta da que me ocupou durante o estágio e motiva este relatório.

somente na região uma população mais envelhecida, e às novas famílias portuguesas que se instalam nestas terras para fugirem à grande cidade, não esquecendo os visitantes, os turistas. Todas estas diversas comunidades acabam por se encontrar no contexto destas programações, transformando-as também, por criarem uma multiplicidade humana tão rica, que constitui aquilo que são afinal os públicos deste projecto. É na sequência desta realidade muito específica que este possui uma grande responsabilidade naquilo que é a luta pela descentralização das artes em Portugal e na criação de novos centros culturais, assim como um papel na criação de novos públicos, mais uma vez, em lugares improváveis.

Este projecto conecta as artes performativas e a natureza envolvente. Na essência deste projecto, UMA não existe sem a OUTRA. É nesta linha que se criaram quatro ciclos diferentes, desde o início do projecto até à actualidade, que seguem os ciclos e os elementos da natureza: o FOGO, a ÁGUA, o AR e a TERRA. As programações foram-se construindo de forma orgânica e contínua, estabelecendo um percurso coerente, que se vai consolidando ao longo destes quatro anos. Encontramo-nos, neste momento, no quarto ciclo, portanto, em pleno Ciclo da TERRA (de Outubro 2019 a Maio 2020). Tal como aconteceu em anos anteriores, o elemento natural escolhido é a fonte de inspiração da programação, e tudo se constrói à volta dos simbolismos, das evocações, das sensações e das emoções que dele transparecem. Neste caso, a Terra é também a base das nossas próprias vivências pessoais, e é por isso que esta programação tentou ir ao encontro desses universos que se alimentam da memória, dos sonhos, da própria infância e das estranhezas que esta comporta. Em vários espectáculos, que detalharemos de seguida, ouvimos falar sobre os contos da infância, ao mesmo tempo que se criavam paisagens que pertenciam a um campo onírico, de onde surgiram fadas acrobatas, princesas disruptivas, lendas antigas e histórias de (des)amores, sempre reinventadas e assentes numa realidade contemporânea, propondo uma prática de pensamento activa sobre questões de grande importância sociológica e ecológica que integram o debate da contemporaneidade.

As programações do projecto cultural *Lavrar o Mar* proporcionam uma mistura de saberes e encontros, trazendo espectáculos que não passam pelos grandes centros culturais do país (Lisboa e Porto) e que por isso mesmo criam um outro centro, um novo ponto de importância no mapa das artes. As programações são compostas por espectáculos nacionais e estrangeiros, de companhias europeias, mas também por criações feitas *in loco* que partem da cultura e de histórias locais, reinventando-as, e oferecendo aos espectadores experiências surpreendentes.

1.2. O Estágio no Contexto do Projecto

Este relatório parte das experiências e vivências que adquiri durante o estágio desenvolvido neste projecto, num Algarve ainda por descobrir. O tempo que partilhei com o projecto e as pessoas que o constituem, permitiu-me conhecer e desenvolver um método de trabalho intensivo, diário, o qual integrei como agente de participação directa, realizando activamente as tarefas que me foram propostas, mas também como agente observador, conhecendo e analisando toda uma nova vivência de trabalho. A metodologia adoptada para esta investigação foi precisamente a *observação participante*, método que permite estudar um determinado tema através da participação activa. Aqui, o investigador torna-se ele próprio parte integrante do objecto de estudo, imergindo no seu quotidiano, para o poder compreender na sua totalidade (Mónico et al, 2017). Desenvolvi ainda, através desta imersão, uma componente humana muito forte e que é uma das bases da forma como ali se lavra a cultura, as artes performativas e a própria vida. A imagem que abre o anexo 6 mostra-nos um conjunto de corpos e instrumentos em equilíbrio, que me transporta para a *imagem-ideia* de uma árvore humana: Há um corpo, o tronco central, que funciona como base que sustenta e ao mesmo tempo, alimenta. Existem depois, todas as outras ramificações que, de forma dinâmica e irregular, se completam e se desenvolvem num espaço aéreo. É exactamente assim que vejo este projecto, como uma raiz forte que emergiu num terreno árido e se desenvolveu, sendo hoje uma referência indispensável.

A estrutura deste relatório inicia-se na raiz, com uma parte introdutória que nos apresenta o projecto, qual a sua visão e a sua missão. Seguem-se duas partes distintas:

- A primeira prende-se com uma análise daquilo que é o tronco comum desta árvore das artes: a forma como a equipa se organiza e as suas várias funções, um testemunho pessoal que parte da experiência vivencial no terreno, e que apresenta a minha participação e contributo durante estes quatro meses de trabalho.

- A segunda explora de forma reflexiva três aspectos que estabeleci ao longo deste período: a criação e programação em *site specific*; o desenvolvimento de públicos e trabalho de integração com as comunidades; e o impacto a nível nacional e internacional. Estes aspectos correspondem às ramificações essenciais do projecto, mas também àquilo que são os panoramas culturais da actualidade e de como estes se cruzam e alimentam.

Este documento pretende abrir um lugar de reflexão circular, que possibilita a conexão destes vários pontos e a análise da construção de uma programação artística que se assume em permanente pesquisa e expansão.

1.3. Reflexões Pessoais: o Teatro e a Vida como Ponto de Partida

A nível pessoal resultou numa experiência muito enriquecedora que accionou em mim pensamentos e reflexões sobre o que é o teatro, onde estão os seus espaços e como as artes performativas estabelecem relações com a vida. Comecei a acreditar que todas as pessoas podem estar preparadas para receber e experienciar as Artes e a Cultura, desde que se permitam a essa mesma oportunidade.

A escolha e as razões iniciais que me fizeram chegar até este projecto, partiram de uma curiosidade de alguém muito urbano, que se questionava sobre uma padronização dos circuitos artísticos e uma homogeneização dos públicos com que me deparava repetidamente, o que me despertava muitas vezes, uma sensação de insatisfação.

Houve uma intuição de que aquilo que me interessava debater, se prendia com a exploração de um outro tipo de territórios, para mim desconhecidos. Ao mesmo tempo, houve também em mim a urgência de trabalhar com e para uma arte que se interligasse à natureza de uma forma sustentável, informada e criativamente estimulante. Em suma, uma vontade pessoal de desmistificar, aquilo que a mim me pareciam ser estes tais *Lugares (im)possíveis para a criação artística*, participativa e comunitária, a acontecer fora das salas de espectáculo, em espaços *site specific*.

Para mim, as artes performativas sempre estiveram do lado mais humano, que se expande através da experiência artística. Talvez esta ideia seja o resultado de um conjunto de memórias que trago de uma educação que me foi generosamente oferecida, e que despertou em mim várias sensibilidades do foro cinematográfico, através dos lugares, e da exploração da palavra como instrumento crítico. Hoje, sinto o desejo de ver constantemente, de pesquisar. Aqui, houve a oportunidade de ver de facto, de participar de facto e de accionar assim, uma transformação. O trabalho directo com as pessoas e as formas de abordar as diversas comunidades envolvidas, foram uma ferramenta valiosa, que certamente guardarei para utilizar no futuro.

2. EXPERIÊNCIA NO TERRENO

2.1. A Equipa e o seu Funcionamento

A equipa do projecto cultural *Lavrar o Mar* tem sido ao longo destes quatro anos de existência uma equipa em transformação permanente e que busca ainda um equilíbrio na sua forma. As mudanças de pessoas que têm ocorrido, prendem-se com duas dificuldades inerentes ao projecto: A primeira, está ligada ao facto de existir uma grande exigência no método e um cuidado muito minucioso na forma de trabalhar, com muitas

horas de ocupação. O facto dos espectáculos acontecerem sempre em *lugares não convencionais*, faz com que o trabalho seja muito envolvente e exigente, e se torne necessário que, embora cada pessoa tenha a sua função, todos tenham que se desdobrar, apoiando em todas as tarefas; A segunda dificuldade é relativa à localização do projecto, que dificulta muitas vezes a permanência de pessoas que se deslocam da sua cidade, na qual estão integradas. É por isso que ao longo destes anos, tem havido uma movimentação de elementos, uma vez que não é fácil encontrar pessoas com experiência que queiram de facto mudar-se para o campo. Outro aspecto que caracteriza estas equipas, prende-se com o facto de ambos os directores artísticos serem também eles, para além de programadores e artistas, professores. Talvez por isso, as equipas são maioritariamente jovens, havendo alguns elementos no início da sua carreira profissional. Foi muito interessante observar, durante os meses de estágio, a partilha de conhecimento diária, em ambiente informal e no contexto prático do trabalho. O conhecimento estava constantemente a ser partilhado e interiorizado, funcionando quase como uma passagem de testemunho.

O **trabalho da equipa** divide-se entre os projectos de **criação** e a **programação artística**, onde existe um trabalho de produção, tanto no âmbito das criações, como também num contacto e pesquisa permanentes que são feitos a nível europeu. Trata-se de uma programação que procura criar o factor surpresa, a experiência viva do espectador que o leva por vezes, a um lugar completamente novo. Faz-se um trabalho sistemático para ganhar a confiança do espectador, para que este responda com uma atitude cada vez mais curiosa e proactiva. Toda a programação nasce de elementos que se descobrem no território envolvente, procurando depois ideias artísticas que se possam associar. Esta programação tenta não ter apenas um olhar definido pelos seus programadores, mas fazer também com que haja espaço para o olhar artístico das companhias convidadas a intervir directamente nestes espaços e locais. Esse olhar e intervenção nascem em Laboratórios que antecedem os espectáculos, e onde artistas e comunidades crescem, criam e desenvolvem um trabalho conjunto. Isto resulta em apresentações, acções que são feitas especificamente para um lugar e para os seus *protagonistas*, que são as próprias comunidades que habitam estes locais. Para tudo isto acontecer, é necessária uma equipa que prepara, acompanha e realiza estes projectos, ao lado dos artistas e das comunidades. A predominância do Novo Circo como uma das linguagens centrais destas programações, nasce de um interesse pessoal dos directores artísticos, mas também pelo facto de ser uma linguagem muito viva e em expansão de natureza multi e interdisciplinar, aspecto importante na criação artística contemporânea.

O **trabalho de comunicação**, que se realiza através de materiais tanto físicos como digitais, recorrendo a diversas plataformas online, e que conta já com parceiros regulares como as rádios locais: Rádio Fóia, em Monchique e Rádio RUA, em Faro; e as rádios públicas, como a Antena 2 e Antena 3, em Lisboa e em Faro. Existe também o apoio dos jornais locais: Jornal Barlavento (semanal), Sul Informação (jornal online) e Jornal de Monchique (trimestral). O trabalho que se faz presencialmente, como a distribuição de programas e postais por exemplo, privilegia uma linguagem jovem, transversal e de grande qualidade humana na comunicação.

O **trabalho de contabilidade e de administração** consiste em gerir os vários apoios que são avançados pelas entidades financiadoras, cada uma delas com contribuições distintas. As três principais entidades financiadoras são: o programa 365 Algarve (Secretarias de Estado da Cultura e do Turismo), que terminará este ano; a Direcção Geral das Artes, uma candidatura bianual que irá até 2021; a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, entidade estatal que gere fundos europeus, cujo financiamento está inserido no programa Algarve 2020, que terminará este ano; e, finalmente, os Municípios de Aljezur e de Monchique. Aqui, a organização administrativa define-se num trabalho de natureza burocrática e de escritório que responde às exigências de cada entidade, de forma a justificar e discriminar todas as despesas executadas em cada programa. Há um controlo minucioso dos vários orçamentos que é realizado, juntamente com uma incansável procura da melhor forma de equilibrar esta balança, para que todos os valores sejam justamente distribuídos e justificados. Em simultâneo, a direcção artística está sempre ocupada na escrita de novas candidaturas que possam dar continuidade ao projecto.

O **trabalho de bilheteira** representa outra parte da actividade administrativa, que funciona como um autofinanciamento que as próprias entidades financiadoras exigem e que apesar de ser mais pequena, tem um papel importante nas receitas finais. Depois, existem financiadores esporádicos, como é o caso do Instituto Francês que apoia as viagens das companhias francesas. Quanto ao licenciamento para cada espectáculo, são necessárias um conjunto de licenças: classificação etária, a licença dos direitos de autor, o seguro de responsabilidade civil, a licença do IGAC (Inspeção Geral das Actividades Culturais) e a autorização dos locais onde os espectáculos decorrem, visto acontecerem muitas vezes em lugares de difícil acesso ou mesmo até em plena Reserva Natural da Costa Vicentina.

O **trabalho de produção** divide-se em dois tipos de actividade: a **produção de gabinete**, que acontece antes da chegada dos artistas e à qual habitualmente se chama pré-produção e que se ocupa da gestão e planeamento da chegada, da estadia dos artistas e da sua partida; e a **produção no terreno**, que acontece um pouco antes dos artistas chegarem, assim como durante todo o tempo da sua residência e finalmente, no trabalho de pós-produção, uma vez que tudo acabou.

Por último, o **trabalho da direcção técnica**, que se ocupa de tudo aquilo que são os aspectos técnicos inerentes à boa realização dos espectáculos: a logística dos espaços a utilizar, os contactos com as entidades que vêm dar apoio técnico, como a montagem e desmontagem, a luz, o som e a operação dos mesmos. Por vezes consegue-se o empréstimo de infraestruturas, como palcos e materiais técnicos, como também de alguns recursos humanos. Sempre que possível, opta-se por trabalhar com empresas locais, como é o caso da empresa Sons da Vicentina, Produção de Espectáculos, sediada em Aljezur, assim como a empresa Margem, sediada em Faro.

2.2. Tarefas Realizadas durante o Estágio

2.2.1. Comunicação

A primeira fase da comunicação de um espectáculo, acontece através dos Media, sejam eles locais ou nacionais. É de destacar, por exemplo, o contributo da Rádio Fóia, uma estação local com sede na Vila de Monchique, que disponibiliza um tempo de antena todas as semanas à equipa *Lavrar o Mar*, para divulgação dos seus programas. Trata-se de uma rádio histórica, maioritariamente ouvida por pessoas locais e às quais é difícil o projecto chegar. Tive a oportunidade de me deslocar a esta rádio para falar do espectáculo *Medronho*, sendo esta a minha primeira experiência de contacto com a rádio.

O trabalho assegurado pelos media não é no entanto suficiente para preencher uma programação tão vasta, e é por isso que existe um enorme trabalho de divulgação que é feito pela própria equipa e no qual participei de forma intensa. Este trabalho consiste numa grande planificação e determinação na distribuição de material por vários tipos de comércio local, instituições culturais e municipais, escolas, associações, turismos rurais e hotéis, assim como em grandes eventos locais ou mesmo aproveitando os momentos de espectáculo para anunciar e comunicar a programação que está para vir. Todo o material de comunicação, seja físico ou digital, assim como todos os registos fotográficos, são da responsabilidade da empresa 1000 Olhos, sediada também em Aljezur. Para cada temporada é realizado um programa que reúne toda a programação com imagens, textos,

datas e locais, faixa etária e duração do espectáculo; para cada espectáculo são feitos cartazes A3 e postais com todas as informações importantes; e são ainda produzidos pendões de formatos variados, que se distribuem por vários suportes autorizados pelos Municípios. É precisamente esse material que é distribuído de forma imersiva, cobrindo grande parte do território do Algarve e Sudoeste Alentejano. Também nas estratégias de comunicação é valorizado o factor humano, a estratégia do boca em boca e a insistência na partilha personalizada dos programas nos territórios mais isolados, com o objectivo de alargar e expandir cada vez mais a diversidade do público. É a partir da reacção das pessoas e do impacto que a comunicação obteve, que se descobre qual a melhor forma de acompanhar e de servir as comunidades (*attenders* e *non-attenders*), criando formas de conexão com todo o tipo de público, contribuindo para a criação de novas rotinas culturais nas suas vidas (Scollen, 2007).

2.2.2. Bilheteira

Em todos os espectáculos, a bilheteira física invariavelmente, altera-se. Como não existe uma bilheteira única, é necessária que esta tenha a capacidade de se adaptar aos diferentes locais, transformando-se numa espécie de bilheteira de todo o terreno. A veia multifacetada que se espelha em todas as ramificações do trabalho envolvido neste projecto, espelha-se também aqui, com o objectivo de possibilitar a acessibilidade e participação de todo o tipo de pessoas. É também por isso que o projecto adopta uma política de preços dos bilhetes muito acessíveis para todos os espectáculos e por vezes, até com entrada gratuita. Participei no trabalho da bilheteira, dando apoio, fazendo a venda e troca de bilhetes de forma activa e preenchendo os inquéritos que fazem com que seja possível conhecer o público que assiste aos espectáculos, referenciando a sua nacionalidade e morada. A bilheteira distribui-se numa fase pré-espectáculo por vários espaços: a sede Lavrar o Mar, a Biblioteca de Monchique e a Junta de Freguesia de Alferce que são locais onde as pessoas se podem dirigir com facilidade e adquirir os bilhetes fisicamente; também se vendem bilhetes nos vários locais dos espectáculos, fazendo uso das bilheteiras móveis que se montam e desmontam; tal como em eventos como o Festival da Batata Doce e a Festa de Natal de Aljezur, que reúnem condições muito favoráveis não só à divulgação como à venda de bilhetes. Por último, existe uma plataforma online, através da BOL, que faz com que os bilhetes possam ser adquiridos facilmente em qualquer ponto do país (Worten, Fnac, CTT). Quando os espectáculos se aproximam, a bilheteira exige uma gestão diária, que permita ter o controlo da

velocidade/quantidade de bilhetes que estão ou não a ser vendidos, e que dialoga directamente com o sector da comunicação, no sentido de se informarem mutuamente. Por último, há toda uma dimensão de comunicação humana durante os próprios espectáculos, que se prende com a recepção que é feita ao público. Quem está na bilheteira é quem tem o primeiro contacto com as pessoas que vêm obter informações, picar ou comprar os bilhetes ou adquirir os materiais de divulgação. Este trabalho de recepção afável e esclarecido é feito muitas vezes em várias línguas. Completa-se depois com a actividade de frente de sala, que ajuda o público a entrar e a instalar-se confortavelmente ou a orientar-se no local, tarefa que também realizei.

2.2.3. Produção

O trabalho de produção altera-se por completo, quando falamos da dimensão *site specific*. É muito diferente fazer produção de espectáculos num teatro como o Teatro Nacional, por exemplo. Aí, estão reunidas à partida, as condições ideais à realização dos espectáculos. Aqui, tudo se cria e constrói desde o início, sendo necessário um tipo de visão *à priori*. É preciso pensar e imaginar os locais fora do seu contexto habitual, para depois haver uma equipa que se propõe a transformá-los. Cada espectáculo tem um desenho de produção próprio, que varia consoante o objecto performativo em causa e o lugar onde acontece.

Em todos os espectáculos, a tarefa inicial na qual me envolvi, foi ajudar e assegurar a estadia dos artistas e todos os aspectos adjacentes para que esta fosse o mais confortável possível, tendo em conta o espaço do alojamento encontrado e o espaço escolhido para as representações. Nos espectáculos que aconteceram em espaços edificadas, ajudei na montagem e preparação dos camarins, assegurei a realização de caterings desde os dias de montagem, passando pelos dias de espectáculo até à desmontagem. Cooperei também na organização das refeições que em cada um dos projectos, se organizaram de forma diferente. No espectáculo de novo circo *Les Princesses*, cada artista recebia um *per diem*⁵. As refeições foram feitas em restaurantes locais, sugeridos através de uma lista que ajudei a realizar e que partiu de um estudo sobre os locais mais económicos e com os quais foi possível estabelecer um acordo de descontos. Nos espectáculos *Medronho* e *Presente de César*, visto serem espectáculos de Teatro Culinário, os artistas alimentaram-se com comida confeccionada no local, sendo

⁵ Valor unitário estabelecido para as refeições por dia para cada artista.

apenas necessário realizar as compras adaptadas ao número de pessoas, as quais ajudei a fazer e organizar. No caso do programa *Monchique, Novo Ano Novo Circo*, como se tratava de um acontecimento com maior duração e com um grupo muito grande artistas, estabeleceu-se um sistema de senhas e procedeu-se ao aluguer de um estabelecimento de restauração encerrado, contratando um *chef* que cozinhou todas as refeições. Neste caso, fiquei encarregue da organização e preparação de pequeno-almoço e catering, assim como de toda a gestão das senhas de refeição.

Para os espectáculos em lugares edificados, a produção começou sempre por realizar uma grande limpeza onde quase toda a equipa colaborou, partindo depois para o trabalho de adaptação dos espaços. Em reunião, organizamo-nos através de planos diários de tarefas, especificando o que era necessário ser recolhido dos diferentes armazéns e distribuído depois pelos espaços. No caso do espectáculo *Medronho*, foi necessária uma maior preparação e logística, seleccionando loiça para 70 pessoas almoçarem diariamente, e definir uma forma de fazer a respectiva limpeza em plena serra, para que tudo ficasse preparado para o dia seguinte. Como estávamos ao ar livre, sem infraestruturas, houve um conjunto de aspectos em que tivemos que pensar, como ter água, arranjando um grande bidon e como confeccionar a comida, que acabou por ser cozinhada no fogo.

Estive sempre presente e pronta a realizar todas estas tarefas, mas também outros pormenores mais pequenos, como o tratar da lavagem e preparação dos figurinos ou adereços, toalhas e panos; realizar compras e resolver pequenas questões momentâneas; recolher objectos e flores silvestres para as decorações dos lugares; como também comunicar com os produtores locais e tentar encontrar em conjunto a melhor e a mais económica forma de fazer.

Este tipo de produção no terreno, fez-me perceber que a partir das coisas pequenas se constroem grandes momentos e que o pormenor e o rigor no modo como se faz, é a ferramenta necessária para que tudo funcione e aconteça numa troca justa e bonita, entre a própria equipa interna, os artistas, as pessoas locais envolvidas no projecto e finalmente o público, que na hora do espectáculo, a todos se junta.

Não poderia deixar de referir uma tarefa que realizei e que se prende com uma outra dimensão do trabalho envolvido no contexto do espectáculo *Medronho*: para além de todo o trabalho de produção acima referido, fui uma das pessoas que guiou o público pela serra, descobrindo numa caminhada os diferentes momentos deste espectáculo. Esta constituiu-se como uma oportunidade de observar e interagir directamente com o público, observar os seus comportamentos e reacções. Houve quem se surpreendesse, quem se

entregasse totalmente à experiência, quem se dispersasse, sendo aí preciso tacto e senso para contornar este comportamento e para não destabilizar o espectáculo.

Ao longo deste estágio, tive a oportunidade de experimentar tarefas de naturezas muito diversas, com graus de responsabilidade também diferentes, o que me permitiu chegar a uma compreensão do projecto muito abrangente.

3. TRÊS ASPECTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A CULTURA E AS ARTES EM MEIO RURAL

3.1. *Site Specific* - A Adaptação dos Lugares Aliada à Criação

“Ao operar nas fronteiras de estruturas sociais normativas, a arte participativa confronta-nos com novas questões. Desestabiliza os conceitos e disciplinas dentro dos quais e entre os quais ela própria funciona, abandonando a segurança dessas formas existentes e desafiando-nos, por conseguinte, a tornarmo-nos mais autoconscientes. Esta desestabilização (...) é o resultado inevitável de entrar nessa terra de ninguém” (Matarasso, 2019: 28)

Há uma ideia de risco associada ao conceito de *site specific*, no sentido em que a obra, ou o objecto em si, de alguma forma se assume como transgressivo à norma. É algo que sai do seu lugar natural de actuação e se transporta, passando para um outro, não convencional, promovendo esta característica de imprevisibilidade. Existe também uma parte inerente ao lugar escolhido, que acaba inevitavelmente por influenciar a obra, adicionando-lhe significados, sensações, emoções e características singulares. O conceito de *site specific* no caso das artes performativas revela-se de igual forma, promovendo situações por vezes muito inusuais para o espectador e sempre irrepetíveis. Há algo que se desloca, passamos a estar dentro e perante um espaço real que inclui, por isso, as características dessa realidade que podem ser sociais, arquitectónicas, ambientais ou outras, dando a possibilidade ao mundo de se tornar ele próprio num palco (Palinhos, 2017). É essa entrada numa “*terra de ninguém*” acima referida, que surpreende e encanta quem assiste a esses processos de deslocação. O espectador encontra-se dentro da acção, passa a fazer parte dela, afastando-se da posição de observador para passar a ser parte integrante. A distância entre performance e espectador dilui-se, quase desaparecendo, oferece uma imersão num mundo novo, cheio de um quotidiano transfigurado pela acção e descontextualização da função do lugar.

Neste caso, os espectáculos acontecem sempre em locais distintos, que prevêm uma pesquisa do território, de forma a conhecer não só os lugares mas também como chegar às pessoas que os habitam. Aqui não há salas de espectáculo, por isso tudo

acontece fora de portas, em locais próximos do quotidiano das pessoas, abrindo outras portas e outras perspectivas.

O termo *site specific* começou a ser utilizado durante os anos 60 nos Estados Unidos da América, alastrando depois para a Europa, pela mão de certos grupos de artistas, numa tentativa de expandir as suas práticas performativas e as relações que estas estabeleciam com os locais não convencionais⁶ por si escolhidos. O conceito surgiu de um crescente interesse por parte dos artistas sobre os contextos que os envolviam e de como estes, espelhando a novidade e o fervor da mudança, estabeleciam uma influência directa no próprio trabalho artístico, alterando-o na sua relação com o público, tornando possíveis todos os lugares como um lugar artístico. A vontade de sair da formalidade dos espaços teatrais para a rua, para os lugares do quotidiano, fez este tipo de arte começar a desenhar-se como uma arte politizada, que utiliza os assuntos da vida quotidiana das pessoas anónimas, para produzir matéria artística (Matarasso, 2019). Há, no entanto, uma diferença entre um espectáculo que é criado para um determinado lugar, e um espectáculo finalizado que simplesmente é deslocado do seu lugar de origem para um outro, ganhando por isso uma dimensão diferente ao adaptar-se ao novo espaço. Durante o tempo do estágio, pude assistir a exemplos destes dois casos: uma criação *site specific*, que aconteceu em plena Serra de Monchique e quatro espectáculos finalizados, que foram adaptados a novos locais, nestes casos, em locais edificados com características muito diversas.

Quatro Exemplos Distintos de Projectos Performativos

LES PRINCESSES (Outubro de 2019)

Trata-se de um espectáculo de novo circo criado em 2016 pela companhia francesa Cheptel Aleikoum. Este foi o momento de abertura do 4º ciclo do projecto cultural *Lavrar o Mar*, dedicado à Terra, neste caso a terra dos sonhos. Como se trata de um espectáculo de novo circo, e o novo circo conta narrativas através de desafios físicos, mas também emocionais, em *Les Princesses*, como o próprio nome indica, fala-se de príncipes e princesas, misturam-se fábulas e memórias das nossas infâncias, transportando-as para os nossos dias, com ironia e inteligência. Surgem na mente dos espectadores, os ecos dos

⁶ Field, The Guardian, 6 de Fevereiro de 2008, <https://www.theguardian.com/stage/theatreblog/2008/feb/06/sitespecifictheatrepleasebe>

primeiros desejos sexuais, as memórias de noites mal dormidas e uma tensão, que assenta algures entre o irónico e o sombrio, que nos leva a pensar sobre temas como as questões de género, do envelhecimento, e do que é o mundo ideal, experienciado num outro universo muito próprio, que não aquele a que estamos habituados.

Este espectáculo é interpretado por seis artistas com especialidades e especificidades distintas que se completam, coabitando um mesmo espaço, criado especificamente para este espectáculo. Tudo acontece no interior de uma estrutura chamada “La Meduse”. Trata-se de uma estrutura que se monta e desmonta, sendo por isso móvel e nómada, que é, aliás, um dos requisitos do novo circo, sempre em viagem, e também das programações deste projecto. É uma estrutura em ferro, com catorze metros de diâmetro e oito metros de altura, com a capacidade de “nascer” nos lugares mais variados, adaptando-se às suas características, criando sempre um ambiente íntimo e próximo entre artistas e audiência, abolindo por completo a ideia de 4ª parede, ou sequer a de palco/plateia. Dentro desta “Medusa”, o espaço é pequeno, os corpos do público acomodam-se e tocam-se ligeiramente, para que cada um encontre o seu lugar. No decorrer do espectáculo, os artistas, sempre muito próximos, entram e saem e passeiam-se por entre as bancadas onde o público está sentado, subindo-as e descendo-as. Utilizam com grande mestria a parte externa da estrutura e o tecto, tirando partido da totalidade do espaço.

As apresentações dos espectáculos dividem-se normalmente entre Aljezur e Monchique. Neste caso, foram oito na totalidade, distribuídas de forma igual entre os dois Municípios. As primeiras quatro representações aconteceram no Espaço Multiusos de Aljezur, um pavilhão de grandes dimensões, próximo do centro da vila, onde acontecem vários tipos de eventos que estão ligados ao comércio e à difusão de produtos locais, como o mercado semanal ou diversas feiras tradicionais, como por exemplo, o Festival da batata doce. Habitados a apresentar este espectáculo em festivais europeus de novo circo, ao trabalhar num espaço inóspito e demasiado grande, há um grande trabalho de adaptação e habituação a ser feito por parte da companhia e da sua equipa. A estrutura foi montada no interior deste espaço árido, frio e com grandes problemas de acústica. É por isso que, paralelamente à estrutura, se criou uma sala de estar coberta de tapetes, bancos, flores e objectos vários pertencentes ao “espólio” do projecto cultural *Lavrar o Mar*: trata-se de uma colecção de objectos, de móveis, de tapetes provenientes de outros espectáculos, que se guardam para serem utilizados quando necessários. Há uma ideia de reciclagem, no sentido de reutilizar, guardar e preservar estes objectos que estão permanentemente a ser utilizados e a ganhar novas vidas. Fez-se assim uma entrada, que continha a bilheteira, e

que funcionava como “foyer” até se dar a abertura das portas. Só após a abertura é que o público estabeleceu o seu primeiro contacto visual com a estrutura, criando este factor surpresa, que se aproxima, de alguma forma, do levantar da grande cortina numa sala de espectáculos. Criámos também um camarim, numa pequena sala que normalmente é destinada a arrumos, e que decorámos de forma a conseguir um ambiente confortável para os artistas. Há sempre esta intenção de transformar o espaço, com a consciência do local em que se está a trabalhar, para criar um universo que existe paralelamente ao espectáculo, mas que se junta para um mesmo objectivo: tornar a experiência dos artistas que chegam assim como do espectador, mais confortável, rica e memorável.

As outras quatro representações aconteceram em Monchique, no espaço do ginásio da Escola Básica Manuel do Nascimento. Utilizou-se a mesma lógica, apesar de estarmos perante um espaço totalmente diferente. Temos um grande ginásio, no interior de uma escola secundária com as marcas para os diferentes jogos assinaladas no chão, as balizas e os bancos. Criámos uma entrada idêntica com os tapetes e os bancos disponíveis onde as pessoas puderam aguardar o início do espectáculo e ter acesso à bilheteira. Aqui não se conseguiu o mesmo factor surpresa como aconteceu em Aljezur. A estrutura ficou colocada no centro do ginásio, sendo visível assim que o público entrou no edifício. O trabalho construiu-se à volta desta tentativa de criar um universo para além do ginásio e da escola. Quando se trabalha em *site specific*, é importante considerar aquilo que queremos contar ao espectador, assim como aquilo que o espaço já conta por si. Afinal, é disto que se trata, transformar um espaço real num outro para lá daquilo que se vê, tendo em conta o que pode ou não ser retirado ou acrescentado, sem comprometer o lugar em si (Cordileone; Whorton, 2015). Há assim, uma coexistência, uma convivência entre espaço real e espaço ficcionado que oferece ao público uma nova percepção, uma percepção transgressiva do lugar.

MEDRONHO: A APANHA – A SANGRADA FAMÍLIA (Novembro de 2019)

Este espectáculo de Teatro enquadra-se no seguimento de uma “saga sem fim à vista”, iniciada em Março de 2017, quando Giacomo Scalisi, o encenador da peça, convida os escritores Sandro William Junqueira e Afonso Cruz, a realizar uma residência artística na serra de Monchique. Este convite foi feito com o intuito de desenvolver um projecto teatral e *site specific* que reflectisse sobre as tradições da Serra de Monchique: os seus lugares, as pessoas que nela trabalham e habitam, as tradições seculares que acompanham a serra, em especial, o medronho, esta bebida mística e os processos que a envolvem.

Medronho é um ciclo de Teatro que acontece no alto da serra de Monchique, uma criação de Giacomo Scalisi. Divide-se em duas partes, uma primeira que ocorre em meados de Novembro, com textos do escritor Sandro William Junqueira, e uma segunda em Fevereiro, com textos de Afonso Cruz. Até agora contam-se três ciclos, um em cada edição do projecto cultural *Lavrar o Mar*; 30 dias de espectáculos; “(...) 9 actores, 8 destilarias, 2 polos diferentes da serra: Alferce e Marmelete e um grande incêndio pelo meio(...)”⁷.

Este encontro da *Sangrada Família*, escrito por Sandro William Junqueira, é o quarto capítulo de uma saga que poderemos comparar a um Romeu e Julieta “monchiquense”. É uma história que se vai contando em fascículos ou episódios, em que os detalhes do enredo vão sendo sabiamente revelados, com mistério, tal e qual como no ambiente da serra. As várias personagens da trama vão surgindo irregularmente pelos espectáculos, sendo que esta é a primeira vez que se encontram todas e contracenam tão perto umas das outras. Tal como a história, também as personagens se vão revelando, de uma forma compassada. O método utilizado na composição destas criações inicia-se pelo texto, ao mesmo tempo que se procura um lugar onde este possa ganhar corpo. Há uma grande pesquisa no terreno, um longo processo que vai desde o falar com os destiladores de medronho e com os habitantes da serra, aos passeios pela montanha e pelas destilarias, em busca do cenário e das imagens que o encenador já encontrou no seu imaginário. Há uma sensação de fluidez quando nos deparamos com este tipo de processos de *site specific*. O espectáculo ganha uma continuidade que se constrói através do encontro da ficção com a constante mutação dos espaços. Assim como os espaços se alteram, também as personagens se alteram, permitindo ao espectador a oportunidade de ver e ouvir o espaço, assistindo às histórias que lhe são inerentes, e deixando-se verdadeiramente entrar no lugar, liberto de ideias e conhecimentos pré-estabelecidos. Celebra-se no fundo, uma abertura e uma cedência que se faz ao desconhecido (Cordileone; Whorton, 2015).

Simultaneamente, surgem questões que se levantam como a formalidade *versus* informalidade na audiência, no sentido em que se abre um espaço propício ao constante questionamento das regras por parte do público, muito maior, do que quando um espectáculo ocorre num espaço mais convencional. O retorno do público nem sempre

⁷ Sul Informação, 12 de Junho de 2019, <https://www.sulinformacao.pt/2019/06/lavrar-o-mar-lanca-livro-com-os-textos-do-projeto-medronho/>

corresponde ao desafio lançado, isto porque quando se contracena com a imprevisibilidade, há uma aprendizagem a ser feita do objecto e do local em que se está. Esse caminho, antes de estar estabelecido, pode resultar numa dificuldade por parte dos espectadores, em ceder ou mergulhar naquilo que têm perante si. Neste caso, tudo aconteceu em plena serra de Monchique, num terreno cedido por um proprietário monchiquense, caçador-poeta e apanhador de medronho. O lugar era em plena natureza, e de uma grande variedade na paisagem e na vegetação, onde se incluíam os medronheiros que cresciam em toda a encosta, à espera de serem colhidos. Os dias de ensaios com os actores foram muito intensos, de manhã à noite, tentando reunir as condições possíveis, desbravar o terreno, para começar a habitar verdadeiramente os espaços. Não se avistavam nem a estrada, nem outras pessoas. Os actores, colocados cada um num lugar respectivo da serra, diziam o texto e ouviam-se uns aos outros, os sons das palavras e da serra ganhavam densidades diferentes, num misticismo de ecos que dava a impressão de que a própria serra falava.

Este espectáculo incluiu também uma refeição, o que exigiu uma logística complexa, tendo em conta estarmos no interior da serra. Toda as pessoas, público, actores e equipa, almoçaram juntos a meio do espectáculo, ao ar livre. Por segurança, visto a imprevisibilidade da meteorologia, a Câmara Municipal de Monchique cedeu três tendas que se montaram e onde se preparou o almoço. Todas as loiças utilizadas pertencem ao espólio do projecto e como são usadas em tantos espectáculos e situações distintas, transportam consigo uma história que se vai acumulando. Esta refeição integrou a dramaturgia, transformando as próprias loiças em adereços para uma refeição da serra, alargando assim a vivência artística do público a uma experiência completamente sensorial.

O PRESENTE DE CÉSAR – QUEM VAI AO MAR NÃO VOLTA À TERRA
(Novembro de 2019)

Este espectáculo de Teatro conta-nos a história de César Tróia, da sua família e das vivências duras e cruas da época do Estado Novo, entre os anos 50 e 60, em que muitos portugueses se deslocaram até ao violento mar do Norte ou à Costa Nova, no Canadá, para pescar o bacalhau. A história de César é, ao mesmo tempo, a história de muitos outros homens portugueses, e a pergunta que permanece é: “Onde é que se morre menos vezes, na guerra colonial ou na pesca do bacalhau?”. Há uma importância e uma

abrangência neste assunto, que vai para lá de um contexto local e que passa a pertencer a um contexto de valor nacional e histórico.

Este espectáculo surge de uma encomenda do Teatro Viriato e do círculo intermunicipal de Dão-Lafões ao encenador Giacomo Scalisi, para sinalizar e homenagear estes homens que partiram para a pesca e muitos não conseguiram voltar. Os pescadores diziam entre si que o mar era o maior cemitério de Portugal. Trata-se de um espectáculo de Teatro Culinário, onde as histórias vão sendo contadas à medida que é servido um jantar, todo ele à base de bacalhau.

Aqui, os espectáculos aconteceram de novo em dois locais diferentes, com oito representações, divididas entre os Municípios de Aljezur e de Monchique. No primeiro, o local escolhido foi a Sede do Grupo Folclórico do Rogil e no segundo, a Casa do Povo de Alferce, uma pequena aldeia isolada, que pertence ao Município de Monchique. Ambos são espaços simples, desprovidos de qualquer material ou condições técnicas para a realização de um espectáculo com estas características, em que foi necessário preparar todas as noites uma ementa completa para 80 pessoas.

Houve novamente um grande trabalho de adaptação dos espaços: tudo começou com uma limpeza intensa, seguida da decoração de todas as salas que foram abertas ao público. Essas decorações foram realizadas utilizando objectos do espólio do projecto, assim como elementos naturais, que sugeriam uma ligação ao mar, à ideia de tempestade e sempre à natureza marítima. Uma vez mais, trabalhou-se a ideia de que todos os espaços são relevantes e que a importância do pormenor fará uma diferença. As mesas foram dispostas como se de um navio se tratasse, a iluminação era baixa, feita com lanternas de parafina e a preencher o espaço, muito nevoeiro. Ainda no Rancho Folclórico do Rogil, foi projectado, no exterior do edifício, um vídeo, mostrando imagens de tempestade no mar e retratos dos pescadores de Aljezur. Este dispositivo cénico não só transformava imediatamente a função do edifício, como criava também um impacto à entrada do público e na própria vida daquela rua. Já dentro do espaço, junto à zona da bilheteira, exibiu-se um outro filme documental sem som, sobre a faina da pesca do bacalhau, cedido pelo Museu Marítimo de Ílhavo, e que funcionou como uma espécie de introdução e complemento à atmosfera do espectáculo. Em Alferce, o espaço era mais reduzido, o documentário foi projectado numa parede na rua, assim como a bilheteira, foi montada e desmontada todos os dias, numa pequena praça exterior. Esta sala, que é normalmente utilizada para a realização de eventos locais, tinha sem dúvida mais conforto, uma salamandra sempre acesa, por isso as decorações e preparações foram mais simples:

distribuíram-se as mesas adaptadas ao formato de uma grande embarcação, manteve-se a iluminação e fizemos algum trabalho de decoração e adereços nas escadas de entrada. As duas salas transformaram-se temporariamente em dois navios que transportaram o público, através dos sabores, dos textos e da sua representação, para uma outra realidade distante no tempo e no espaço. Estava-se no mar, mas em terra.

MONCHIQUE, NOVO ANO NOVO CIRCO (Dezembro de 2019, Janeiro 2020)

A passagem de ano programada pelo projecto cultural *Lavrar o Mar*, faz já parte de uma recente tradição na Vila de Monchique. Este ano, duplicaram-se os espectáculos e alargaram-se as datas de apresentações, com início a 27 de Dezembro, passando pela passagem de ano, e terminando no primeiro fim de semana deste novo ano. Foram dois espectáculos de novo circo, *Les Dodos* da companhia francesa Le P'tit Cirk, e *Forever Happily* da companhia belga, Collectif Les Malunés, que aconteceram durante oito dias, propondo um imaginário completamente inovador. Em *Les Dodos*, reflectia-se sobre a fragilidade das relações humanas e a sensibilidade dos pequenos gestos, questionando constantemente as leis da gravidade, construindo arquitecturas improváveis e inovadoras com mais de 100 guitarras em palco. “(...)Os ‘dodos’ foram uma espécie de ave que se extinguiu por ser demasiado desajeitada para sobreviver (...) representava, fisicamente, o oposto do acrobata; contudo, são ambos inconscientes. Viajam entre o medo e a ingenuidade, a vida e a sobrevivência.”⁸.

Em *Forever Happily*, voltámos ao universo da terra, que literalmente preenchia os caminhos da própria tenda, e fazia libertar o seu cheiro e consistência à medida que o público avançava até se encontrar na plateia. Estamos uma vez mais no mundo das fadas e dos lobos maus reinventados, algo perverso e muito erótico, que debatia questões de género e de transgressão dos papéis, misturando toda esta loucura com acrobacias de trapézio e barra. Num exercício “(...) ancestral, frágil e contemporâneo(...) recuperando histórias míticas assentes num fundo de violência transnacional e trans humana...”⁹.

Uma das tendas de circo estava situada na zona do Heliporto Municipal, a poucos metros do centro da vila e a outra, um pouco mais abaixo, na zona do mercado mensal.

⁸ 365 Algarve, Newsletter, Dezembro de 2019, <https://www.365algarve.pt/pt/agenda/8813/les-dodos-%E2%80%93-companhia-le-p%E2%80%99tit-cirk.aspx>

⁹ Baptista, Buala, 6 de janeiro de 2020, <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/lavrar-o-mar-em-aljezur-e-monchique>

Para além das grandes tendas amarela e vermelha, foi montada uma outra tenda que funcionou como bar, assim como outros espaços com mesas e cadeiras que convidaram as pessoas a estar e a passarem um pouco do seu tempo. Desta vez o trabalho sobre o *site specific* não partiu de nenhuma zona edificada, pelo contrário, surgiu da ocupação de um terreno grande e vazio. Durante duas semanas, criou-se um novo espaço na Vila de Monchique: uma pequena grande aldeia circense. Dada a duração extensa desta programação, houve o tempo necessário para que tanto os artistas como a população, se adaptarem à existência deste novo lugar e usufruíssem dele, criando um novo significado e memória para os espaços do Heliporto e do terreiro do mercado mensal de Monchique.

3.1. Desenvolvimento de Públicos e Integração com as Comunidades

“As grandes questões de fundo que nos colocámos e que continuaremos sempre a colocar-nos no futuro, foram: A arte é necessária hoje? Porquê? Para quem? Como? Como, através da arte, se pode falar dos grandes mistérios da vida ou das pequenas coisas quotidianas, das aberrações humanas e sociais? Como podemos não dar respostas, mas propor visões, emoções, provocar sentidos?”

Como podemos imaginar um alimento para a alma que deixe um sinal interno profundo, provocando umas vezes mal-estar, outras prazer? Como podemos estimular a criação artística percorrendo juntamente com os artistas e com os públicos um caminho feito de surpresas, atento à construção de relações, pequenas ou grandes, mas todas elas com um sentido próprio sobre o existir? (...)”

(Scalisi, 2004: 12,13)

As pesquisas sobre qual o papel do espectador nas artes performativas não são recentes. No século XX, com Bertolt Brecht, busca-se um espectador activo no pensamento e crítico na postura e na forma como se relaciona com aquilo que vê. Este defendia que a participação activa do espectador deveria ser vista como um acto criativo, produtivo e autoral (Desgranges, 2015). É esta partilha do acto criativo que define, na sua génese, aquilo a que chamamos arte participativa. Este tipo de arte tem como sua antecessora mais radical a Arte Comunitária, e alastrou-se na década de 70, no seguimento do trabalho de vanguardas artísticas nos Estados Unidos da América e na Europa, da periferia para os centros. Hoje em dia, está presente um pouco por toda a parte: *“(...) em instituições culturais; nas políticas económicas, sociais e urbanas; em serviços de saúde e educativos; na justiça criminal; sectores habitacional e de voluntariado; na comunicação social; na internet e em comunidades por toda a parte(...)”* (Matarasso, 2019:21,22). É, no fundo, uma arte que acompanha as mudanças não só do pensamento daquilo que é a arte em si, mas também dos diferentes tecidos sociais que compõem a sociedade. Arte Comunitária e Arte Participativa são dois termos que caminham lado a

lado e torna-se por vezes, difícil e até dispensável caracterizar aquilo que as distingue uma da outra. Podemos dizer que a grande diferença é que a Arte Participativa inclui a criação de um trabalho/objecto artístico por parte de artistas profissionais e não profissionais. A Arte Comunitária, sendo a raiz da arte participativa, define-se pela criação da arte como um direito humano, por artistas profissionais e não profissionais e um sentido de colectivo muito forte. Ou seja, em ambas existem consequências sociais e políticas idênticas, onde o acto de criar e os seus processos serão sempre valorizados, fazendo com que estes prevaleçam sobre o resultado necessariamente artístico propriamente dito (Matarasso, 2019: 49-56). Actualmente, revive-se esta mesma urgência de criar uma relação activa entre um espaço, o espaço da obra, uma pessoa que o atravessa, o artista, e alguém que observa, o público (Brook, 1968); mas este alguém que observa, é também um corpo vivo que atravessa e interpela a obra. Temos a tentativa em curso de tornar o público consciente da transformação que surge do contacto com o projecto artístico. Esta característica de atravessamento de espaços é uma visão que no século XX se desenvolve em torno do conceito da fruição da arte, um efeito quase místico, descrito pela autora Erika Fischer-Lichte como o *loop encantatório*, onde a acção do espectador ganha uma importância cada vez mais central na relação com a obra (Fradique, 2019). Num mundo como aquele em que vivemos hoje, com todos estes questionamentos sociais, económicos, políticos e universais, este exercício de integração, de aproximação e de envolvimento activo e informado dos cidadãos torna-se fulcral. Especialmente quando o objecto artístico parte de uma pesquisa no próprio terreno, tentando perceber quem o vê e porquê e quais os contextos sociais em que actua. Mais do que uma democratização da cultura, é preciso pensar numa cultura democrática, da qual artistas e público, todos, sejamos criadores e co-criadores (Vlachou, 2019).

Num projecto cultural como o *Lavrar o Mar*, o público tem um papel essencial, assim como os lugares são, também eles, parte inerente do projecto. A relação *Lavrar o Mar* - público não se pode basear numa vivência abstracta ou pouco informada sobre quem são aqueles que se deslocam para ver, ouvir e viver esta programação. Chegar a um lugar e fazer nascer um projecto implica, por parte de quem o realiza, um acto de enorme respeito pelas pessoas que o habitam, e essas relações nunca são imediatas, e nem sempre são pacíficas, têm de ser cuidadas. Após constantes pesquisas e mergulhos no mais profundo que este território contém, o projecto cultural *Lavrar o Mar* tem já um público fiel, que responde de forma generosa e calorosa, contribuindo para uma taxa de ocupação esgotada em praticamente todos os espectáculos. Mas quem é afinal este público? De que forma

é que se interliga ou não aos espectáculos e às criações? A responsabilidade assumida pelo projecto ou entidade em si não se trata apenas de “dar voz” às pessoas, pois isso pressupõe uma diferenciação de poder, mas sim em conhecer e acima de tudo sentir aquilo que o rodeia, colocando-se no lugar das comunidades que vivem naqueles lugares (Vlachou, 2019). De que forma é que esta interação se reflecte nas programações e no projecto? Será esta relação, uma relação que entra no campo da arte participativa? Um novo espaço para a arte participativa? A meu ver, e como irei analisar nos quatro exemplos que se seguem, este projecto trabalha no sentido de alargar os campos desta forma de fazer e observar este tipo de arte; uma vez que convida as comunidades, a integrarem o projecto, de uma forma própria e inovadora.

Quatro Exemplos Distintos de Projectos Performativos

LES PRINCESSES

Sendo este um espectáculo comprado, toda a logística e organização vêm pré-estabelecidas, no entanto, há sempre um trabalho de adaptação a realizar. Esse trabalho reside, acima de tudo, no fazer com que aquele espectáculo de novo circo contemporâneo, com uma carga europeia indiscutível, ganhe um sentido em vilas como Aljezur e Monchique. É também importante referir que num e noutra lugar, as características do público divergem. Em Aljezur, assistimos a um tecido social mais heterogéneo, onde há uma forte predominância de famílias mistas, onde se cruzam várias nacionalidades e muitas comunidades, com pessoas jovens que vêm de vários lugares do mundo e que partilham a vila com os habitantes locais. Há ainda uma grande parte do público que vem de toda a zona do sudoeste alentejano para assistir aos espectáculos. Em Monchique, deparamo-nos com um público mais “polarizado” em dois grupos mais ou menos rígidos: por um lado, os estrangeiros que habitam a serra; por outro, as famílias tradicionais da vila e as famílias mais rurais, não havendo, ainda, uma grande fusão entre estes grupos. Quanto ao público que visita o projecto, nos espectáculos de Monchique, vem essencialmente do Sotavento Algarvio.

Começando pelos dados estatísticos, num total de oito sessões com 220 lugares disponíveis, chegou-se a um total de 1751 espectadores, praticamente esgotando a lotação em todos os espectáculos. Neste projecto, é importante perceber quem o procura, para que seja possível melhorar as estratégias de aproximação e também de humanização do projecto e dos públicos (anexo 2). A constante busca pela proximidade, característica inerente ao espectáculo, delegou no público uma responsabilidade enquanto espectador.

Houve um acordo, uma certa prova de resistência, que se reflectiu nos números de trapézio, onde os artistas quase tocaram as cabeças do público, ou na corda aérea, usada com uma assimetria invulgar, onde a própria artista termina sentada no colo de um espectador aleatório, partilhando a intimidade de um abraço. Alguns momentos exigiram a participação activa do público para que o espectáculo prosseguisse: este convite foi feito logo no momento inicial, no qual, para dar início ao espectáculo, foi necessário que alguém do público se levantasse das bancadas e viesse ao centro da arena dar um beijo nos lábios da artista adormecida, representando a bela adormecida. Todos os dias aconteceu de modo diferente, com um tempo distinto e reacções imprevisíveis, um risco em que a própria companhia se quis colocar. Outro destes momentos de activação directa do público, mas sobretudo de confiança mútua, surge quando dois espectadores são escolhidos para participar num dos números contracenando com a própria artista, segurando a corda que a sustenta na sua acrobacia. O espectáculo exigiu sempre uma plateia viva e dinâmica, e não espectadores passivos que simplesmente se sentam e observam, à espera do fim.

Relativamente ao envolvimento com a comunidade, houve uma ligação muito interessante com as escolas de Aljezur e de Monchique, onde os alunos foram chamados a participar numa sessão/ensaio com os próprios artistas, que se disponibilizaram para mostrar como ensaiam, partilhando várias habilidades, truques e segredos do seu circo, convidando-os depois a assistir aos espectáculos com preços de acesso reduzidos. Em Monchique, esta sessão foi particularmente importante, porque funcionou como uma troca, pela cedência do ginásio para a realização do espectáculo. Todos os alunos assistiram à real transformação do seu ginásio num grande teatro de novo circo. Ainda em Monchique, aconteceu a já habitual colaboração com a Academia Sénior¹⁰, em que se convidou este grupo não só para assistir ao espectáculo, mas também para o integrar, realizando a tarefa de garantir as frentes de sala. Esta colaboração aprofunda, uma vez mais, o elo de relação com os habitantes locais, dando-lhes a oportunidade de receberem e acolherem os públicos do espectáculo.

¹⁰ Iniciativa social, educacional e cultural organizada no âmbito da Rede de Universidades da Terceira Idade, destinada a pessoas com mais de 50 anos, que propõe a participação em actividades e iniciativas formativas e lúdicas, combatendo o isolamento e proporcionando encontros intergeracionais.

MEDRONHO: A APANHA – A SANGRADA FAMÍLIA

Sendo uma criação com características muito específicas, a interação com o público e com a comunidade aconteceu de forma diferente e muito intensa. Aqui, podemos falar da existência de um exercício que explora terrenos em que o teatro é colocado lado a lado com as comunidades, fortalecendo-as e reinventando-as, ao mesmo tempo que as protege das forças destrutivas da globalização, e também do seu próprio isolamento, alimentando a ideia de que estas histórias locais podem ser assumidas e defendidas como políticas de identidade (Prentki, 2017). Durante os três dias de espectáculo, as pessoas juntaram-se no Heliporto de Monchique, para se deslocarem em autocarro cedido pela Câmara Municipal, até ao local do espectáculo, em plena serra de Monchique. Ainda no Heliporto, o público dirigiu-se à bilheteira onde lhe foi entregue um cálice com a sua cor respectiva. Chegados ao local, o público foi dividido em quatro grupos diferentes, representados pela cor que lhe tinha sido destinada, deixando ao acaso a organização dos mesmos, o que altera à partida toda a dinâmica do conjunto. Nem todas as pessoas que vieram juntas viram o espectáculo juntas. Esta escolha não é aleatória, mas vem de uma ideia defendida pelo encenador, de que quando uma pessoa não está acompanhada pelos seus, se coloca automaticamente numa zona de vivência diferente, o que resulta numa pré-disposição maior para realmente ver e entrar dentro do objecto artístico. Cada um desses quatro grupos tinha um guia que os acompanhou durante as cinco horas seguintes, percorrendo a serra, delegando no próprio espectador um compromisso consigo mesmo e com o espectáculo. Neste caso, devido ao texto ser integralmente em português, a maioria do público tinha nacionalidade portuguesa e vinha um pouco de todo o país (anexo 2). No entanto, para o público estrangeiro, houve o cuidado de traduzir os textos para inglês.

Nos espectáculos desta saga do medronho, as histórias, o tempo e a matéria prima inicial emergem precisamente naquelas terras. É por isso que se coloca a premissa de devolver à comunidade local, uma parte de uma cultura, de um testemunho que, de uma forma ou de outra, lhe pertence e na qual ela participa. Há uma exigência que é pedida ao público, que se prende com a dificuldade de toda a jornada: muitas horas na serra, caminhadas com um grau de exigência considerável, não falando já das condições climatéricas que por vezes não são as melhores. E, por isso mesmo, é já um público inevitavelmente activo, específico e que volta, porque se foi entregando às histórias da sua própria serra, cedendo ao *loop encantatório* de que nos fala Fischer (2008).

A relação entre o teatro e a comunidade é complexa e possui várias dimensões que podem ser explicadas em três modelos distintos: Teatro *para* comunidades, onde o teatro é feito por artistas, não existindo a participação das pessoas da comunidade nem a sua visão ou perspectiva são tidas em conta; Teatro *com* comunidades, em que o trabalho parte de uma investigação prévia da comunidade para criar um espectáculo, integrando as suas manifestações e tradições, mas sem haver necessariamente a participação da mesma; E por último, teatro *por* comunidades, onde as próprias pessoas da comunidade, os seus pareceres e saberes são incluídos no espectáculo, participando elas próprias no mesmo (Nogueira, 2007:2). Neste projecto estão presentes as duas últimas dimensões. Temos por um lado a interação que se prende com a reapropriação dos temas, das heranças e das tradições ligadas a uma prática ancestral da produção de medronho naquela região; E por outro, temos as pessoas, elas próprias como protagonistas numa relação viva de partilha do seu saber com o público. Se há um retirar tem que haver um devolver, e essa devolução faz-se através da criação de imagens ou objectos artísticos, criados através desses mesmos testemunhos, que permitem às comunidades reverberar dentro dessas mesmas imagens. A comunidade torna-se participante indirecta, quer estando entre as pessoas do público ou participante directa, incluída na realização de tarefas que integram o espectáculo. Neste caso, era servida uma refeição típica, em que todos os ingredientes utilizados assim como a sua confecção, incluindo a aguardente, foram produzidos pelas gentes da região. No entanto, o papel principal desta comunidade serrana, foi o de partilhar ou melhor, oferecer o universo da sua vivência cultural ao espectáculo.

Neste projecto, há uma pesquisa e uma procura das tradições mais profundas de uma cultura local, por norma, extremamente fechada. Esse fechamento é resultado do isolamento que a serra traz consigo e que se vai desvendando aos olhos do público. No entanto, também para a comunidade local, há algo de irrepetível que surge do facto de experienciar as suas tradições, o seu trabalho e os imaginários com os quais cresceu, espelhados numa matéria artística. A forma como as pessoas da serra se envolvem com o projecto torna-se tão intensa, como a dos escritores e dos actores, colocando todos em pé de igualdade, sendo por isso, um teatro *com* e *por* comunidade. É um caminho extenso, sinuoso, que vai desde a tradição, neste caso a vida agrícola, que se transforma em matéria prima artística. É um “(...) *exercício que implica uma investigação aprofundada, holística e transversal, sobre o território a intervir(...)*” (Correia; Madeira, 2008:11); e que faz surgir daí uma sensação de empoderamento nas pessoas, fazendo-as sentir parte

inerente do processo, e isso reflecte-se num fortalecimento da própria comunidade, que vê expandida a sua identidade cultural.

O PRESENTE DE CÉSAR – QUEM VAI AO MAR NÃO VOLTA À TERRA

No espectáculo *Presente de César*, as oito sessões estiveram esgotadas, o que originou um total de 560 espectadores entre Aljezur e Monchique (anexo 2). Por se tratar de um espectáculo de Teatro Culinário, o envolvimento do público entre si começa pela partilha de um acto conjunto: jantar. As pessoas unem-se para comer juntas e para ouvir uma história. Unem-se também através dos sabores, das sensações que a comida desperta, quando combinada com as vozes e as palavras dos actores. A comida não só funciona como um elo entre espectadores como também é parte integrante da dramaturgia. Há um alargamento do campo artístico, no sentido em que se explora directamente sentidos que normalmente não são utilizados quando assistimos a um espectáculo. Quando Rancière afirma que a comunidade deve ser entendida “(...)como maneira de ocupar um lugar e um tempo(...)” (Rancière, 2010: p.13), é isto que podemos imaginar: um lugar que é ocupado por um grupo de pessoas e que assim, se permite reinventar, levando-o até aquelas personagens e ao seu mundo cheio de mar e perigos.

O envolvimento com a comunidade começa também ele, a partir da ementa estabelecida para o jantar de bordo, já que esta foi adequada à realidade gastronómica local: o bacalhau como estrela da noite, acompanhado de batata doce e cogumelos selvagens de Aljezur e pêros de Monchique com gelado de mel para sobremesa. Houve um esforço, como aliás há sempre, em adquirir os produtos em estabelecimentos de comércio locais.

Outra forma de envolver as comunidades, prende-se com o facto deste espectáculo ter acontecido paralelamente a um grande evento que se tornou já num dos símbolos da região, o Festival da Batata Doce, no Espaço Multiusos de Aljezur. O espectáculo incluiu-se na programação deste certame e celebrou esta parceria através de um *show cooking* que foi realizado durante o Festival no espaço Multiusos, com a ementa do espectáculo, apresentado pela *chef* responsável. Esta parceria é também ela uma forma de construir uma relação com públicos que normalmente não são cativados pela dinâmica cultural presente no seu quotidiano mas que, por uma primeira vez, se desafiam e cedem à curiosidade que a experiência performativa lhes poderá proporcionar, os chamados *positive non-attenders* (Hansen, 2014).

O início deste espectáculo caracterizou-se por um convite feito ao público na chegada ao local. Ainda na rua, pediu-se aos espectadores que “pescassem” de duas grandes tinas cheias de água a taça onde iriam comer. Um pequeno pormenor que alimenta a ideia de um espectador que se disponibiliza e se propõe responder a desafios lançados pelo próprio espectáculo.

Aqui, contam-se histórias verídicas de uma enorme dureza e que foram, na verdade, as histórias de muitos portugueses espalhados por todo o país, durante o tempo da ditadura em Portugal. Para que o objecto artístico ganhasse uma dimensão que o permitisse conectar-se directamente com os lugares em questão, procurou-se perceber de que forma é que essa realidade tinha sido vivida especificamente nestas duas localidades. Assim, realizou-se uma pesquisa nos arquivos do Museu Marítimo de Ílhavo, onde se encontraram registos e fotografias de homens, tanto de Aljezur como de Monchique, que durante essa época, decidiram não ir para a guerra em África e partir, ao invés, para a pesca do bacalhau. Assim, no final de cada representação, como uma lembrança, distribuiu-se ao público um postal com fotografias de homens de Aljezur nas sessões do Rogil, e de homens de Monchique, nas sessões de Alferce. Esta oferta de um objecto que as pessoas podem levar consigo para casa é, também ela, um elo de ligação entre o trabalho artístico, uma história contida na História de Portugal e a vivência das próprias pessoas. Funciona como uma tentativa de perceber onde e como é que as comunidades locais participam nas histórias contadas, prolongando-as na sua memória.

MONCHIQUE, NOVO ANO NOVO CIRCO

Este é o programa que se assume com uma maior dimensão e uma maior duração, funcionando quase como uma espécie de residência artística e de produção de duas semanas em Monchique (normalmente, o escritório Lavrar o Mar encontra-se em Aljezur, no edifício que foi a sua Junta de Freguesia). A realidade desta vila altera-se, fazendo chegar, neste caso de França e da Bélgica, novos universos, provenientes de um campo mais onírico, através da linguagem do novo circo. Há por isso, um envolvimento profundo, uma partilha diária de um lugar, tanto por parte dos habitantes que convivem com uma realidade inesperada, como também por parte da própria equipa e companhias que temporariamente, passam a habitar Monchique, como residentes. Também em termos da sua abrangência, é o evento talvez mais ambicioso desta programação, que contou com oito sessões em cada um dos espectáculos, com lotações de 400 pessoas para o espectáculo *Les Dodos*, e 500 pessoas para o espectáculo *Forever Happily...*, conseguindo

que 6500 pessoas aproximadamente se deslocarem até Monchique para assistirem a este programa (anexo 2).

Esta permanência teve um grande impacto na dinamização económica da vila, seja pela chegada de novos visitantes que vêm para assistir aos espectáculos e que utilizam os serviços da região, dormindo, alimentando-se, fazendo compras; ou mesmo pela participação de estabelecimentos locais, através de colaborações e serviços que acabam por fortalecer as relações do projecto com a população. É interessante pensar a cultura como dinamizador económico, o que cria automaticamente um entusiasmo por parte dos residentes e comerciantes que, por sua vez, faz com que cada vez mais os projectos sejam calorosamente acolhidos pela população e pela Câmara de Monchique.

Após quatro edições, este programa de novo circo europeu já se tornou no programa oficial dos festejos desta época de final de ano do Município de Monchique. A motivação por parte do poder local em apoiar este programa, reflecte-se numa colaboração activa entre ambas as partes como, por exemplo, na disponibilização de meios técnicos e logísticos de apoio à realização e preparação dos espectáculos, assim como a oferta de garrafas de espumante para a festa da noite de passagem de ano. Foi ainda disponibilizado pelo Município de Aljezur um autocarro gratuito para ajudar no transporte de pessoas entre Aljezur e Monchique. Na noite de 31 de Dezembro, após os espectáculos e com entrada gratuita, houve uma festa na rua, com um concerto da Orquestra Vicentina, uma banda que se formou no contexto do projecto cultural *Lavrar o Mar* e que juntou músicos que vivem nesta região. Venderam-se a preço simbólico, diferentes iguarias locais confeccionadas de forma caseira pela mão de várias senhoras da terra, para dar a conhecer ao público as comidas típicas locais e contribuir de forma positiva para a vida destas pessoas. Aconteceu uma vez mais a colaboração já regular com a Academia Sénior, que acolheu o público como frente de sala em todas as sessões, e prepararam-se idas às escolas locais, para dar a conhecer a programação e convidar directamente alunos, pais e professores a virem assistir aos espectáculos.

É muito importante para o *Lavrar o Mar* que estes espectáculos desenvolvam um sentido de pertença junto dos habitantes de Monchique e que não seja nunca visto como uma apropriação do lugar e das suas características somente para pessoas que chegam de fora. Por isso, o esforço de integração e de respeito para com a comunidade local é sempre uma prioridade.

3.2. Impacto do Projecto no Contexto Nacional e Internacional

A evolução e o enfoque sobre o sector cultural de cada país oscila consoante o seu enquadramento político e económico. As prioridades sobre as políticas culturais são muito diversas e específicas, sempre com uma História que as determina. No caso português, ainda estamos longe de um equilíbrio que, apesar de tudo já se começou a desenvolver. Em 2020, apela-se a uma maior integração dos cidadãos e das empresas no apoio à cultura que motive a internacionalização de obras e dos seus artistas, que leve à criação de novos mercados fora do país, assim como a uma crescente dinamização, que descentralize e actualize a cultura em Portugal. Ainda não se chegou perto do 1% do Orçamento de Estado canalizado para a Cultura, uma meta simbólica tão aclamada pela classe artística portuguesa. Estamos¹¹, no entanto, no caminho para uma progressiva atenção ao sector.

Apesar disso, existe já uma crescente preocupação política com o desenvolvimento de uma democratização cultural, problematizada nas suas estratégias. É por isso que têm surgido, um pouco por todo o país, inúmeros projectos que apelam a uma descentralização, onde os municípios têm tido uma forte influência positiva. No entanto, este esforço no investimento das infraestruturas locais, por vezes, não é recebido pelas populações com o retorno esperado; revelando a evidência de que a descentralização cultural por si só, não gera automaticamente um alargamento social dos públicos, nem cria um entusiasmo imediato (Gomes; Lourenço, 2009). É preciso realizar um trabalho de esclarecimento e consciencialização constantes das mais valias inerentes ao desenvolvimento cultural de um país, nomeadamente o nosso. Todos os projectos que se afastam de visões mais óbvias, que alteram os modos de perceber a cultura, que geram novas práticas de consumo cultural, novos públicos e até um possível desenvolvimento das economias locais, ainda não são facilmente aceites. Existe um conjunto de dificuldades que devem ser ultrapassadas pelas entidades públicas e privadas promotoras de cultura, pelas cooperativas, pelas associações, pelos artistas, no sentido de encontrar formas sustentáveis de existir num país que ainda não conseguiu definir a cultura como um bem essencial.

O projecto cultural *Lavrar o Mar* é um desses projectos que surge da vontade de criar novas dinâmicas culturais que se possam enraizar e promover um impacto forte a nível

¹¹ Neste momento, a paralisação do setor cultural é total e exige-se um programa de salvação nacional que permita à maioria das estruturas artísticas sobreviver no pós COVID-19.

nacional, tirando partido de uma região do país praticamente “virgem” em termos artísticos. Este projecto está a ter um papel importante no que toca à descentralização da cultura, tendo criado dois novos pontos de referência naquilo que é o mapa actual das artes em Portugal: Aljezur e Monchique. No caso de Monchique, com o programa Novo Ano Novo Circo, o projecto trouxe uma área ainda pouco explorada no terreno nacional, o Novo Circo. A vila de Monchique torna-se assim, durante aquele tempo, aos olhos do resto da Europa, no ponto geográfico de referência do Circo Contemporâneo em Portugal.

Devido à regularidade da programação, que resulta em espectáculos cada vez mais lotados, começa de facto a acontecer uma importante mudança no que diz respeito à cultivação da actividade cultural integrada nas rotinas diárias, normalizando-a e integrando-a na vida das pessoas. Associado à realidade cultural e turística que temos, o projecto trabalha e assume novas formas de desenvolvimento do turismo cultural activo durante os meses de época baixa, tendo uma forte influência na construção e activação de públicos regulares, durante todo o ano. Para atingir este objectivo, torna-se necessário estar nos grandes centros urbanos para darmos a conhecer esta dinâmica. Um exemplo foi a realização da conferência de imprensa¹² do projecto, em Dezembro de 2019, no Palácio da Ajuda, que visou apresentar a totalidade da programação para esta temporada. Esta necessidade de ir aos grandes polos da cultura prende-se com o facto de dar visibilidade às realidades de Aljezur e de Monchique. Por outro lado, surgem cada vez mais projectos que se deslocam eles próprios ao encontro destes novos lugares da cultura. Como exemplo, temos o Plano Nacional das Artes. Este recente projecto estatal, que pretende defender a cultura como parte indissociável da vida quotidiana e do desenvolvimento de cada cidadão, levando-a a todas as escolas do país, em Outubro de 2019 a convite do *Lavrar o Mar*, deslocou-se até Aljezur. Na sede do projecto houve uma reunião onde estiveram presentes o comissário do plano, Paulo Pires do Vale, e a subcomissária, Sara Brighenti, a equipa *Lavrar o Mar* e muitos artistas e pessoas envolvidas com a comunidade artística local. Neste encontro, não só se apresentou de forma informal a visão e missão do Plano Nacional das Artes como a vontade de ambas as partes criarem uma plataforma unida, multifacetada para o Algarve, alargando o mapa humano e geográfico das artes na sua relação com a escola e o meio cultural envolvente.

¹² Estiveram presentes: Giacomo Scalisi e Madalena Victorino (Directores Artísticos do Projecto *Lavrar o Mar*); Anabela Afonso (Comissária do Programa Cultural 365 Algarve), Ângela Ferreira (Secretária de Estado da Cultura), João Fernandes (Presidente da Região de Turismo do Algarve), Rita Marques (Secretária de Estado do Turismo), Rui André (Presidente da Câmara Municipal de Monchique) e José Gonçalves (Presidente da Câmara Municipal de Aljezur).

Devido a esta dimensão de actividade tão singular em meio rural e com as comunidades, que cruza artistas profissionais e pessoas sem experiência artística prévia, há um crescente interesse que se prolonga também para um contexto internacional. Existem já várias colaborações que são importantes mencionar, nomeadamente, em 2015, o projecto *The Body as a Riddle*¹³, na Tasmânia, uma ilha a sul da Austrália. Foi feito o convite a Madalena Victorino para coreografar e desenvolver um projecto em parceria com a Companhia *Tasdance* e um grupo de mulheres do Butão, refugiadas na Tasmânia devido à situação de extrema pobreza que vivem no seu país. O projecto tinha como objectivo a integração destas mulheres através de um projecto coreográfico e social, criando uma fusão entre aspectos das culturas da Tasmânia, do Butão e de Portugal. Em 2018 ainda na Austrália, surgiu um outro projecto, *Dance Epidemic*¹⁴. O convite foi feito pela Universidade Estatal de *Adelaide*, Faculdade das Artes e o *Royal Adelaide Hospital Arts Department*, que sendo o hospital mais tecnológico do hemisfério sul, está a desenvolver um novo conceito de relação com os doentes. O próprio Estado, através do Ministério da Saúde, propõe-se indagar sobre o papel que as artes podem ter na cura e na melhoria da qualidade de vida em meio hospitalar. Juntaram-se a Madalena Victorino mais de 300 bailarinos, provenientes de países diferentes do hemisfério sul que dançaram espalhados pelos espaços públicos do hospital, apresentando aos doentes, funcionários e um público exterior, uma nova realidade hospitalar. Por um dia, o hospital foi o lugar de um espectáculo de dança, a primeira pedra de uma iniciativa a desenvolver futuramente.

Outra colaboração importante em curso actualmente, é uma candidatura que está a ser desenhada ao fundo europeu *EEA Grants, Connecting Dots*, específico para projectos artísticos sediados em Portugal, financiado pela Noruega, Islândia e Liechtenstein. A ideia é apostar na singularidade de um projecto, que coloca em equação as características idênticas de dois países, como é o caso da Islândia e de Portugal: países europeus laterais, de baixa densidade populacional, com isolamento social, uma geografia montanhosa, o mar e uma forte cultura piscatória. A equipa *Lavrar o Mar* oferece o conceito, a preparação e a realização do projecto e recebe deste outro país, realidades artísticas e culturais novas, com o objectivo de se cruzarem, encontrando um espaço de criação comum, muito rico para ambas as partes.

¹³ <https://tasmaniantimes.com/2015/03/harvest-market/>

¹⁴ <https://www.rah.sa.gov.au/news/dance-epidemic>

Ainda em 2019, o espectáculo *Clowns*, com direcção artística e encenação de Giacomo Scalisi, criado e apresentado anteriormente no contexto do projecto cultural *Lavrar o Mar*, integrou a programação do Festival Mindelact, o Festival Internacional de Teatro do Mindelo, em Cabo Verde. Houve ainda a oportunidade dos directores artísticos poderem apresentar o seu projecto aos estudantes de Arte e Educação da Universidade do Mindelo.

Notamos assim, no caso português, um crescente alargamento de actividades culturais que celebram a interdisciplinaridade e a interculturalidade, alterando e diversificando não só os produtos culturais como as relações que neles se integram (Gomes, Lourenço, 2009). Para além da existência de redes de infraestruturas alargadas, vemos também uma crescente dinamização da componente pedagógica, havendo investimento visível no aumento do número de museus com serviço educativo e também de projectos em contexto escolar, como é o caso do Plano Nacional das Artes ou do Projecto DESCOLA, da EGEAC/Câmara Municipal de Lisboa. O Projeto *Miragem!*, que actua nas escolas de todo o Concelho de Odemira (o maior do país), também sob a direcção artística e pedagógica de Madalena Victorino e integrado no programa ODETE – Odemira, Território Educativo – Câmara Municipal de Odemira, é outro exemplo de boas práticas neste domínio. Procura-se, através da descentralização, também uma actualização e uma humanização da própria arte e como resposta a isso, uma disseminação da arte participativa. Esta generalização impulsiona o direito à participação cultural e pode ser utilizada como ferramenta que responde a uma situação de agitação e insegurança crescente, que se observa a nível mundial. No entanto, não é uma solução. A solução só poderá processar-se quando existir uma mudança de fundo e que terá de vir do Estado, como da sociedade civil, que caminhe no sentido de percebermos que a arte e a sua relação com o mundo, são essenciais e estão a mudar. A arte participativa pode ter um papel significativo nesta mudança. Concluindo, “(...) *compreendemos que a arte participativa, a mediação cultural e as práticas colaborativas actualizam uma pertinente dimensão política no campo artístico, a qual pode apontar caminhos para experiências de curadoria expandida, reiterando a importância da nossa inserção crítica nas relações de produção do nosso tempo*” (Aquino, 2016: 100, 101).

3.3. Problemáticas Inerentes entre Dinâmicas e Práticas Culturais Socialmente Comprometidas

Uma ideia que gostaria de trazer para este relatório é a de “Arte Útil” defendida por Tania Bruguera, como uma forma possível para a resolução da prática de uma arte social, no sentido em que projecta uma esperança no *objecto-projecto* em si. Este *objecto-projecto*, como não existe ainda no mundo real, pode ser trabalhado, modificado positivamente, mesmo que as condições para o fazer não estejam reunidas. Bruguera afirma que “*arte é viver o futuro no presente*” (2012) e, neste sentido, também será reviver o passado no presente, para alterar o futuro, assumindo este processo circular de voltar atrás para andar para a frente, essencial em qualquer exercício de desenvolvimento actual. A Arte Útil interliga-se directamente com as pessoas e acontece quando há uma desapropriação do artista e o objecto passa a pertencer também à comunidade, tornando-se parte dela. É por isso que esta prática da cultura intrinsecamente envolvida com o social e feita através dele, pode ser uma forma de resolver a barreira, muitas vezes existente em territórios improváveis como estes, entre arte e público não informado/iniciado no diálogo com a arte contemporânea (Bruguera, 2012). O contributo da Arte Útil neste contexto, é estabelecer uma forma de arte que incorpore e coabite directamente com a vida das pessoas, e que, sendo de fácil acesso, possa realmente interferir de forma benéfica nas vidas de quem a ela se predispõe. Esta implantação de uma “cultura da participação” promove a activação e responsabilização das pessoas como tendo algo para dizer, para contribuir, que resulta em processos de *empoderamento* das comunidades em questão. No entanto, estes processos e programações *in loco* nem sempre são evidentes. Uma desvantagem prende-se com o facto de por vezes, estas programações produzirem um efeito demasiado “*homogeneizador, superficial e/ou colecionista das temáticas (...) sem uma lógica programática baseada numa investigação aprofundada na concertação das políticas locais(...). Resultando daí uma perspectiva casuística e que tendencialmente padroniza, em vez de singularizar(...)*” (Madeira; Correia, 2008:12). Poderia ser este o caso do projecto cultural *Lavrar o Mar*, visto ter sido iniciado por duas pessoas que vêm de fora, exteriores às comunidades que, à partida, se apropriam de lugares físicos e de lugares da memória (tradições, cultura local, etc.), para daí retirarem matéria, que utilizam nas suas criações artísticas. Haverá certamente pessoas que veem o projeto desta forma, no entanto, conscientes dessas implicações, trabalham exactamente no sentido contrário, em vez de padronizar e simplificar, pretendem entrelaçar-se no próprio tecido cultural, social e natural dos

lugares. Como Madalena Victorino afirma: “(...) *Queremos partir de algo que é familiar e que faz as pessoas sentirem-se confortáveis em querer visitar e participar nesse encontro, mas ao mesmo tempo descobrirem algo de novo e desconhecido. Existem dois momentos. O momento do convite para algo que as pessoas conhecem e o momento em que são surpreendidas por algo de novo, que se acrescentou ao seu conhecimento prévio e ao seu gosto pela cultura (...)*” (Victorino, 2019)¹⁵.

Há por outro lado, riscos que se correm quando entramos no campo da “reestruturação” cultural, social ou económica dos territórios, em que se tenta por vezes, acompanhar as actividades com um sentido lúdico da vida. Existe uma crescente vontade de ocupar os tempos livres, de valorizar a ideia de férias e da própria vida social, que resulta numa receita potencializadora do turismo. A sociedade reformula-se perante os novos modos de vida (promoção de trabalhos sazonais por exemplo), e o turismo nasce como principal fonte de rendimento em territórios como este. A cultura é muitas vezes incluída nessa “ideia lúdica” de servir para distrair, para passar o tempo, e o risco ocorre precisamente aí. O turismo e a diversão não são igualmente acessíveis e continuam ainda a ser associados a uma certa ideia de classe. Isso faz com que a ideia de aceder a actividades culturais que estão comprometidas com o universo turístico seja, também, elitista e um pouco perigosa (Baptista, 2005).

Este projecto, como usufrui tanto de um enquadramento cultural como turístico, tem que responder a uma série de requisitos que façam a ponte entre estes dois mundos: como garantir a relevância do projecto em termos de requalificação de oferta turística, garantir que todos os espectáculos têm a possibilidade de serem compreendidos e de acolher um público estrangeiro, utilizando pelo menos duas línguas (português e inglês) e ainda promover uma ligação entre as artes performativas e o património cultural, natural e sobretudo humano, neste caso do Algarve. Voltando ao texto acima referido (Baptista, 2005), se não houver um equilíbrio entre os “*territórios consumíveis*”, preparados exclusivamente para os seus consumidores, e os “*territórios participativos*” que, pelo contrário, têm como objectivo alargar a esfera de quem neles habita, o propósito de desenvolvimento cultural, artístico e social defendido por Bruguera, perde-se. É certo que o turismo exponencia as economias locais, embeleza por vezes os lugares, dando-lhes a

¹⁵ Victorino, Jornal de Monchique, 24 de Outubro de 2019, <https://www.jornaldemonchique.pt/madalena-victorino-temos-o-desejo-de-nos-entrelacar-no-tecido-cultural-social-e-natural-dos-sitios-onde-estamos-a-trabalhar/>

oportunidade de revalorizarem o seu património e as suas tradições. Mas a cultura e estas formas de trazer a arte às vidas das pessoas, ainda que se possam aliar ao turismo, são já de uma outra natureza, que entra no campo do rasgar de horizontes, da afectividade e das relações interactivas entre pessoas e saberes. Que lugar têm estes novos circuitos da Arte? Qual é o espaço que habita um projecto como este?

Este lugar cria-se, na minha perspectiva, dentro de uma grande (im)possibilidade.

O espaço que o projecto ocupa, é aquele que este consegue construir a partir de um “panorama” envolvente. A chegada a um lugar desconhecido e pouco habituado ao consumo frequente de cultura, aliado a uma tarefa de satisfazer requisitos turísticos, que visam uma maior densidade populacional, poderiam resultar numa eventual quebra do valor artístico intrínseco ao projecto. O que faz com que isto não aconteça, é o compromisso que está na base ideológica deste trabalho, e que se caracteriza por um tempo ilimitado e constante, que é investido em perceber o território e os seus habitantes. Está sempre, em cada programa que se desenha, essa procura de um sentido; um sentido local, mas também um sentido global. Cumpre os requisitos turísticos sim, mas não os sobrevaloriza. Ao analisar quem vê os espectáculos, percebemos o que é que interessa às pessoas locais, às que chegam de perto e às que vêm de longe; sendo que essa aposta é sempre incerta, varia de espectáculo para espectáculo, apesar de se criarem semelhanças que se vão acumulando de ano para ano. É por isso que nestas áreas são importantes as propostas que possam funcionar a longo prazo, reverberando nas realidades dos próprios locais, como é o caso do projecto *Medronho* e como afirma Tania Bruguera: “(...) [*A Arte Útil*] Deve ser mostrada/compartilhada com aqueles que podem fazer com que esta funcione num formato a longo prazo, quer dizer, as pessoas que dela beneficiam e que a podem levar a um estado, a uma existência mais permanente (...) o artista propõe a sua duração possível: alguns projectos imaginam-se breves e concretos; outros deseja-se que tenham uma repercussão mais longa na vida das pessoas e que por inerência, a sociedade como um todo se aproprie também(...)” (Bruguera, 2012: 195). No entanto, ainda que por vezes se idealize essa permanência, com o objectivo de tornar a Arte, a Cultura como parte intrínseca da vida das pessoas, como é o caso do projecto *Lavrar o Mar*, há uma problemática que se repete, e que está relacionada com a dificuldade em dar continuidade aos projectos. Isto porque as políticas culturais regionais, que são muitas vezes a grande fonte de financiamento dos projectos culturais e das quais estes dependem para poderem existir, estão constantemente a ser alteradas. Assim, o futuro destes projectos assenta numa instabilidade e incerteza económica, que não lhes permite obter a expansão

desejada, acabando por terminar antes daquilo que seria desejado. Face a este panorama, é importante continuar a trabalhar de forma flexível e a procurar sempre alternativas, num jogo constante de procura de oportunidades, de apoios e de preparação de candidaturas, acreditando que “(...) *no momento em que tudo termina, o importante é o que começa(...)*” (Victorino, 2004:3).

4. CONCLUSÃO

Gostaria de referir que a dimensão, duração e acção que este projecto representou para mim, não se esgota nas palavras escritas neste relatório, visto que este se refere apenas a uma pequena parte do que é o projecto cultural *Lavrar o Mar*.

A necessidade de actuar culturalmente fora das realidades dos grandes centros urbanos, nasce de uma urgência que muitos *criadores* sentem, uma procura de um desafio, uma vontade de sair daquilo que já lhes é conhecido, iniciando um outro percurso que estimule a quebra de barreiras pessoais e artísticas. No entanto, este *sair* traz consigo responsabilidades acrescidas, especialmente quando temos como plano de fundo um tecido cultural ainda tão frágil como aquele que se vive em Portugal. Esta responsabilidade traz consigo uma dimensão problemática que explora conceitos artísticos através do desenvolvimento do projecto em si, conferindo-lhe sempre uma singularidade, que se revela através da dimensão do lugar escolhido, da equipa que o promove e de um público que o acompanha. Aqui, decidi chamá-la de *problemática da (im)possibilidade*, e é na tentativa de a desconstruir que assenta este objecto.

Esta ideia prende-se com a questão de como cruzar um território que à partida em nada se relaciona com a arte contemporânea, contrariando desta forma a sua “história genética” e ver o que nele acontece. A partir do momento em que este desafio é activado, o processo deve ser contínuo e parte de um longo e imprevisível caminho que está por percorrer. Esse percurso que deve ser feito com cuidado e diariamente, passa por assumir que nada deve ser superficial no que diz respeito aos temas e objectos a abordar, transformando-os em algo que vai para lá do universo meramente lúdico. Para isto, será importante não ser “invasivo” ou “prepotente” e não mostrar apenas aquilo que é expectável, mas criar dimensões que surpreendam, sem nunca fazer cedências em relação à qualidade artística. No fundo, é esta atitude, esta forma de ser que é necessária para que o projecto esteja de facto em concordância com o lugar: procurar e encontrar aquilo que as pessoas precisam e, ao mesmo tempo, oferecer aquilo que elas desejam. Sendo isto o resultado final que se idealiza para superar as dificuldades da *(im)possibilidade*, tem que

haver um diálogo honesto, em que se clarifica aquilo que se ganha, e se proceda a uma constante avaliação dos resultados. É por isso que, quando se trabalha em projectos que congregam estas características, é necessária uma atitude resiliente, flexível e um estar disponível e predisposto a possíveis alterações de rumo, se as condições envolventes assim o demandarem. Nada é garantido e o mundo desde as pequenas às grandes coisas, está em permanente mudança e questionamento.

Observando precisamente o momento de crise actual em que vivemos, o sector cultural espelha uma falta de protecção social já antiga, trazendo “(...) *à superfície a extrema precariedade em que nos encontramos há décadas, fruto do desinteresse dos sucessivos governos em criar um regime específico e eficaz para os intermitentes da cultura e das artes(...)*” (Bolito, 2020). Num projecto onde uma das grandes componentes do seu “teatro de operações” residia precisamente no *contacto*, explorando a efervescência entre as gerações, na tentativa de criar uma efabulação de um paradigma social e cultural para todos, juntando as diferentes comunidades, torna-se hoje mais difícil. Esta nova era em que entramos, gera um novo desafio aos próprios criadores, mas também às Artes Performativas e à Arte Participativa, acentuando a necessidade de um confronto com o objectivo de perceber quais os seus lugares dentro das instituições mas, acima de tudo, no mundo.

Durante este estágio, percebi que não há lugares impossíveis, não há públicos impossíveis. Constatar a possibilidade de concretização de um projecto como este, feito através de um trabalho de campo rigoroso e duradouro e de um mergulho profundo nos mapas geográficos e humanos onde se decide trabalhar, teve em mim um efeito de uma enorme sensação de alegria e esperança: saber que as artes performativas quando perspectivadas deste modo, poderão contribuir para a construção de comunidades e por consequência, de sociedades melhor preparadas para um futuro que se avizinha sempre incerto.

Bibliografia

Livros e Relatórios

Aznar, Y.; Martínez, P. (2012). (Eds). *Arte Actual, Lecturas para um espectador inquieto*. CA2M – Centro de Arte Dos de Mayo, Dirección General de Bellas Artes, del Libro y de Archivos Comunidad de Madrid: Madrid.

Aguiar, R.; Bezelga, I.; Cruz, H. (2017). (Coord). *Práticas Artísticas: Participação e Comunidade*. CHAIA/EU Centro de História de Arte e Investigação Artística – Universidade de Évora: Évora.

Almeida, A.; Duarte, S.; Martins, A. (2019). (Org). *O Público Vai ao Teatro. Encontros sobre Políticas de Recepção e Desenvolvimento de Públicos no Contexto das Artes Performativas*. Teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser: Maia.

Bezelga, I.; Cruz, H.; Rodrigues, Paulo S. (2017). (Coord). *Práticas Artísticas Comunitárias*. PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural, CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia: Porto.

Carneiro, M.; Palinhos, J.; Paixão, S. (2017). *Teatro Site-Specific, Três estudos de caso*. Centro de Estudos Arnaldo Araújo da Escola Superior Artística do Porto: Porto

Castellano, C. T.; Raposo, P. (2019). (Org). *Textos para uma História da Arte Socialmente Comprometida*. Sistema Solar CRL, Documenta: Lisboa.

Desgranges, F. (2010). *Teatro e Dança: Repertórios para a Educação Volume 3. Quando o Teatro e Educação ocupam o mesmo lugar*. Fundação para o Desenvolvimento da Educação: São Paulo.

Fischer-Lichte, E. (2008). *The Transformative Power of Performance: A new Aesthetics*. Routledge: Nova Iorque.

Lourenço, V.; Gomes, R. T. (2009). *Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos “Serviços Educativos” em Portugal*. Observatório das Actividades Culturais: Lisboa.

Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

Rancière, J. (2010). *O Espectador Emancipado*. Orfeu Negro: Lisboa.

CCB (Eds) (2004). *Percursos 2002-2004*. CCB: Lisboa.

Artigos científicos

Alferes, V. R.; Castro, P. A.; Mónico, L.; Parreira, P. M. (2017). *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ). V.3: Espanha

Aquino, R. (2019). *Arte Participativa, Mediação Cultural e Práticas Colaborativas: Perspectivas para uma Curadoria Expandida*. REPERTÓRIO: Teatro & Dança, No. 27 – 2016.2. 2019. pp 81-95: Brasil.
DOI: 10.9771/r.v0i0.20616

Baptista, L.V. (2004). *Territórios Lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaando um ponto de partida*. Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas – Reflexividade e Acção. pp 90-96: Porto.

Cordileone, A.; Whorton, R. T. (2015). *Site-Specific theatre: New perspectives on pedagogy and performance*. Research in Drama Education (RiDE): The Journal of Applied Theatre and Performance, Vol.20, No.3. pp 298-301: Nova Iorque.
DOI: 10.1080/13569783.2015.1059267

Correia, P.; Madeira, C. (2008). *Observatórios Locais e Programação de Cidades*. VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Lisboa.

Hansen, L.E. (2015). *Behaviour and attitude: The Theatre Talks method as audience development*. Department of Aesthetics and Communication, Aarhus University. International Journal of Cultural Policy. Vol. 21, No.3. pp 344-359.
DOI: 10.1080/10286632.2014.904229

Nogueira, M. P. (2007). *Tentando definir o Teatro na Comunidade*. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cénicas, Anais ABRACE. V.8, n.1: Brasil.

Prentki, T. (2017). *Anthropology, Theatre and Development: The Transformative, Potential of Performance*. The European Journal of Development Research, Palgrave Macmillan; European Association of Development Research and Training Institutes (EADI). Vol.29. pp 265 – 267.
DOI: 10.1057/s41287-016-0069-9

Scollen, R. (2007). *Regional voices talk theatre: Audience development for the performing arts*. Internacional Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing 13. pp 45-56.
DOI: 10.1002/nvsm.298

Textos jornalísticos

Baptista, C. (2020). *Ideologia de género e política identitária na festa de passagem de ano? Sim, é possível*. BUALA.

Disponível em: <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/lavrar-o-mar-em-aljezur-e-monchique>

Coffepaste (2020). *Carla Bolito – Entrevista*. Disponível em:

<https://coffeepaste.com/carla-bolito-entrevista/>

Costa, L. (2019). *Madalena Victorino: «temos o desejo de nos entrelaçar no tecido cultural, social e natural dos sítios onde estamos a trabalhar»*. Jornal de Monchique.

Disponível em:

<https://www.jornaldemonchique.pt/madalena-victorino-temos-o-desejo-de-nos-entrelacar-no-tecido-cultural-social-e-natural-dos-sitios-onde-estamos-a-trabalhar/>

Field, A. (2008). “*Site-Specific Theatre*”? *Please be More Specific*. The Guardian, Theatre Blog.

Disponível em:

<https://www.theguardian.com/stage/theatreblog/2008/feb/06/sitespecifictheatrepleasebe>

Tate Modern. Art terms Glossary.

Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms>

5. ANEXOS

Anexo 1. Texto de Apresentação Cooperativa Cultural

APRESENTAÇÃO

QUEM SOMOS

A Cooperativa Cultural LAVRAR O MAR CRL. foi fundada em 2014. A sua missão centra-se no desenvolvimento de projectos artísticos e culturais em Portugal.

Focamo-nos na prática das artes performativas contemporâneas e no modo como estas se relacionam com os diferentes contextos sociais, territórios e realidades culturais. Os nossos programas culturais assumem diferentes formas, dimensões e durações. A cooperativa tem trabalhado maioritariamente em Portugal, mas também na Austrália e Cabo Verde.

O objecto da nossa actividade pode ser resumido por:

- Criações artísticas e produções em teatro, dança, música, novo circo, estabelecendo-se muitas vezes pontes interdisciplinares;
- Pesquisa nas artes performativas;
- Programação cultural;
- Edição de música e literatura;
- Direcção artística de festivais, temporadas de teatro e diversos programas culturais;
- Desenvolvimento de conceitos e implementação de projectos comunitários artístico-educativos.

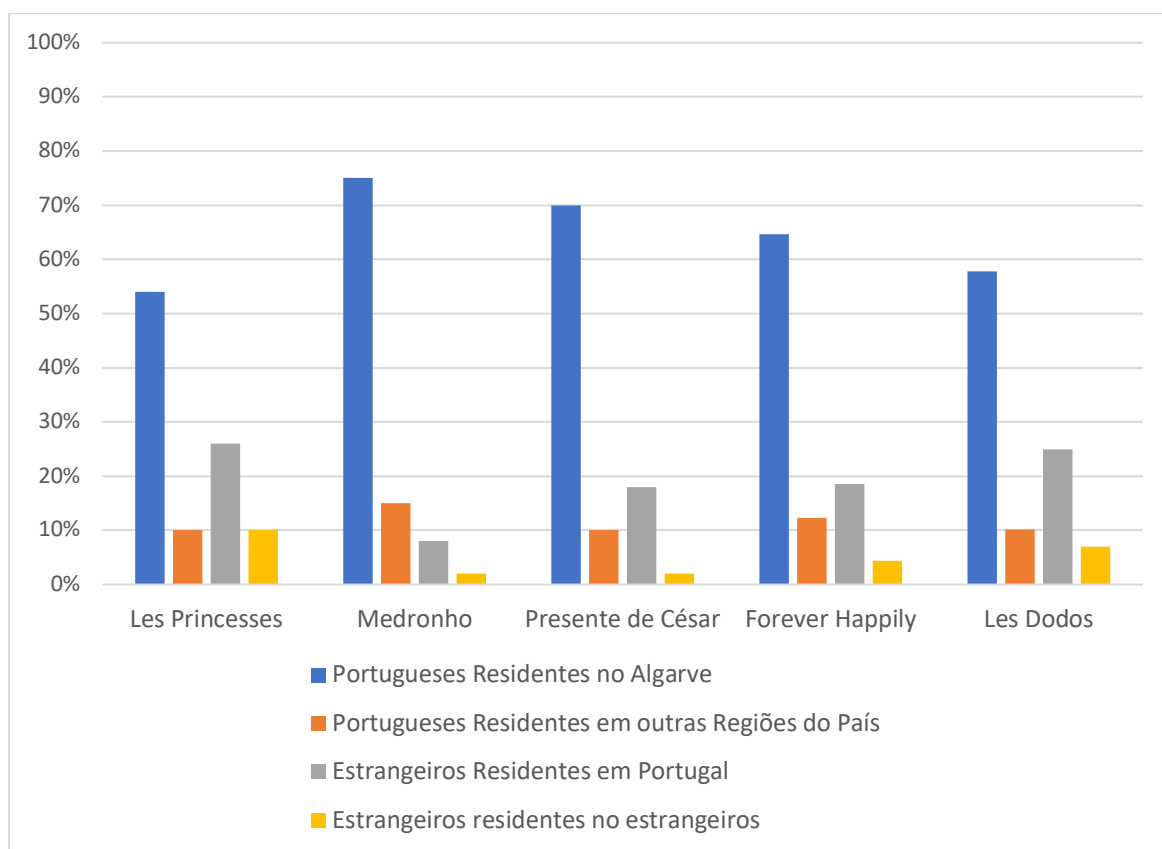
Neste momento, o nosso trabalho foca-se numa zona rural, com baixa densidade populacional, no sudoeste de Portugal, entre Aljezur e Monchique.

O objectivo é assegurar uma actividade cultural de alta qualidade, que age em profundidade, de modo a desenvolver uma dinâmica cultural regular e a longo prazo.

Trabalhamos com uma jovem equipa de profissionais que quiseram deixar os seus estilos de vida urbanos para vir trabalhar na construção desta iniciativa.

Giacomo Scalisi e Madalena Victorino são os directores artísticos da Cooperativa Cultural LAVRAR O MAR.

Anexo 2. Gráfico relativo à afluência dos diferentes grupos de espectadores em cada espectáculo



Legenda:

Les Princesses

Espectadores Nacionalidade Portuguesa:

Habitantes na Região do Algarve (54%); Habitantes nas restantes Regiões do País (10%)

Espectadores Nacionalidade Estrangeira:

Residentes em território Nacional (26%); Visitantes temporários (10%)

Medronho

Espectadores Nacionalidade Portuguesa:

Habitantes na Região do Algarve (75%); Habitantes nas restantes Regiões do País (15%)

Espectadores Nacionalidade Estrangeira:

Residentes em território Nacional (8%); Visitantes temporários (2%)

Presente de César

Espectadores Nacionalidade Portuguesa:

Habitantes na Região do Algarve (70%); Habitantes nas restantes Regiões do País (80%)

Espectadores Nacionalidade Estrangeira:

Residentes em território Nacional (18%); Visitantes temporários (2%)

Forever Happily

Espectadores Nacionalidade Portuguesa:

Habitantes na Região do Algarve (64,7%); Habitantes nas restantes Regiões do País (12,3%)

Espectadores Nacionalidade Estrangeira:

Residentes em território Nacional (18,6%); Visitantes temporários (4,4%)

Les Dodos

Espectadores Nacionalidade Portuguesa:

Habitantes na Região do Algarve (57,8%); Habitantes nas restantes Regiões do País (10,2%)

Espectadores Nacionalidade Estrangeira:

Residentes em território Nacional (25%); Visitantes temporários (7%)

Anexo 3. Fotografias de João Mariano, Empresa *1000olhos*. Espectáculo *Les Princesses*.









Anexo 4. Fotografias de João Mariano, Empresa 1000olhos. Espectáculo Medronho – *A Apanha, A Sangrada Família*.









Anexo 5. Fotografias de João Mariano, Empresa *1000olhos*. Espectáculo *O Presente de César – Quem vai ao mar não volta à terra.*







Anexo 6. Fotografias de João Mariano, Empresa *1000olhos*. Espectáculo *Les Dodos*, Companhia P'tit Cirk.





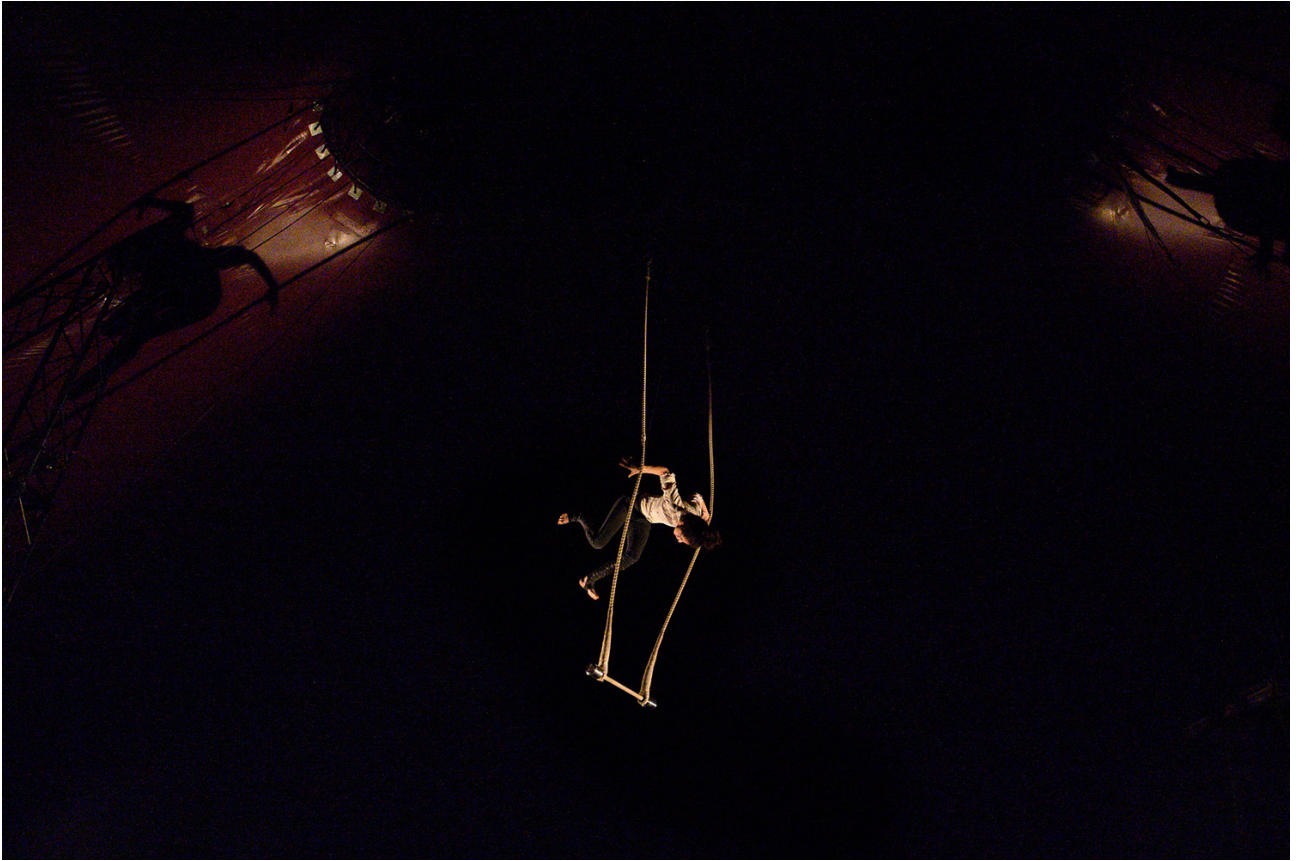




Anexo 7. Fotografias de João Mariano, Empresa *1000olhos*. Espectáculo *Forever Happily*, Companhia Collectif Les Malunés.







Anexo 8. Vídeos de Diogo Grilo.

“*Les Princesses | Behind the scenes*”, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=KUYVZyORiGo&feature=emb_title

“*Les Princesses | Showtime*”, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WoRIPUeLGdg>

“*Medronho: A Apanha, A Sangrada Família*”, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=9IQJpd_etLA&feature=emb_title

“*O Presente de César – Quem vai para o mar não volta á terra*”, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=KSUYb8NNBn4&feature=emb_title

“*Monchique: Novo Ano, Novo Circo*”, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=DdfLytFfOC&feature=emb_title

Anexo 9. Materiais de Comunicação referentes aos espectáculos abordados.

Les Princesses

POSTAL

LES PRINCESSES

M/ 8+

Todos sabemos que os contos ajudam as crianças a aceitarem-se, a confortarem-se e a ultrapassar os seus grandes medos. Os contos acompanham-nos para podermos afrontar as forças canibais, ultrapassar as turbulências da puberdade, ajudando-nos a crescer. No entanto, quando nos tornamos adultos, percebemos que a realidade se distancia cada vez mais de um conto de fadas... Um espectáculo repleto de humor que humaniza e dessacraliza o mundo mágico das princesas e dos príncipes, adaptando-o aos nossos dias.

We all know that tales help children in accepting, comforting, and overcoming their great fears. The tales accompany us so that we can face the cannibal forces, overcome the turbulence of puberty, helping to make us adults.

However, as we become adults, we realise that reality increasingly distances itself from a fairy tale ...

A show full of humour that humanises and desacralises the magical world of princesses and princes, adapting it to our day.

info@lavrromar.pt · +351 282 144 379 | +351 913 943 034
f /lavrromar · @ /lavrromar · www.lavrromar.pt

Concepção | *Concept*: Marie Jolet
Autoria | *Authorship*: Criação colectiva com colaboração artística de Christian Lucas Intérpretes | *Performers*: Matthieu Duval, Marie Jolet, Marjolaine Karlin, Julien Michenaud, Carine Nunes, Marc Pareti
Encenação | *Direction*: Christian Lucas Concepção | *Concept*: John Carroll Criação musical | *Music*: Marjolaine Karlin avec le soutien de Julien Michenaud Desenho de luz | *Lighting design*: Matthieu Duval
Figurinos | *Costumes*: Natacha Costechareire
Cenografia | *Scenography*: Factota

Bilhetes | Tickets

10€ adultos | *adults*

5€ crianças (até aos 11 anos) | *children (up to 11 years old)*

Duração | Running time: 1H20

A entrada neste espectáculo não é permitida a menores de 8 anos
The entry to this performance is not allowed to children under the age of 8

Bilhetes à venda em | Purchase tickets at:

lavrromar.bol.pt e pontos de venda aderentes (Fnac, Worten, etc)

Monchique – Biblioteca Municipal *Municipal Library*

Aljezur – Casa Lavrar o Mar *Home* – Rua João Dias Mendes

Um projecto COSANOSTRA – Cooperativa Cultural, CRL.

Financiado por:



Apoio à comunicação:



Apoio:



355 ALGARVE every day counts

LAVRAR O MAR
AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

17 A 27 OUT · ALJEZUR · MONCHIQUE

LES PRINCESSES

Cheptel Aleïkoum · FR

NOVO CIRCO AÉREO E CANTADO | AERIAL AND SUNG NEW CIRCUS

17 · 18 · 19 · 20 OUT – 21H · ALJEZUR – EMA · ESPAÇO MULTIUSOS DE ALJEZUR
24 · 25 · 26 · 27 OUT – 21H · MONCHIQUE – E. B. MANUEL DO NASCIMENTO

Co-financiado por:

CBESC ALGARVE 2020

PORTUGAL 2020

UNião Europeia
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

365
ALGARVE
every day counts

17 A 27 OUT
ALJEZUR · MONCHIQUE

LES PRINCESSES

Cheptel Aleïkoum · FR · M/8+
NOVO CIRCO AÉREO E CANTADO | *AERIAL AND SUNG NEW CIRCUS*

17 · 18 · 19 · 20 OUT – 21H00
ALJEZUR · EMA – ESPAÇO MULTIUSOS DE ALJEZUR

24 · 25 · 26 · 27 OUT – 21H00
MONCHIQUE · ESCOLA BÁSICA MANUEL DO NASCIMENTO

Bilhetes | Tickets
10€ adultos | adults
5€ crianças (até aos 11 anos) | children (up to 11 years old)

A entrada neste espectáculo não é permitida a menores de 8 anos
The entry to this performance is not allowed to children under the age of 8

LAVRAR O MAR

AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

www.lavraromar.pt [f / lavraromar](https://www.facebook.com/lavraromar) [@lavraromar](https://www.instagram.com/lavraromar) info@lavraromar.pt +351 282 144 379 +351 913 943 034

Um projecto: **COSANOSTRA** COLECTIVIDADE CULTURAL Co-financiado por: **CHERIC ALGARVE 2020** **PORTUGAL 2020** **ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **dgARTES** **aljezur** **MONCHIQUE**

Financiado por: **REPÚBLICA PORTUGUESA** **TERRA DE PORTUGAL** **algarve** **365 ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **dgARTES** **aljezur** **MONCHIQUE**

Apoio: **ROTA VICENTINA** **Monchique** **VICENTINA** **amazigh** Apoio à Comunicação: **SuInformação** **barlovento** **MONCHIQUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

REPÚBLICA PORTUGUESA **TERRA DE PORTUGAL** **algarve** **PORTUGAL** www.365algarve.pt [@365algarve](https://www.instagram.com/365algarve) [f](https://www.facebook.com/365algarve) [y](https://www.youtube.com/365algarve) **#365algarve**

MEDRONHO

M/ 18+

Agora que o drama do fogo se sedimenta na nossa memória, como uma cicatriz com a qual vamos sempre viver, é possível voltarmos ao ciclo do medronho nos locais onde este não desapareceu.

Voltamos assim ao nosso Romeu e Julieta Monchiquense, onde contaremos com a presença dos quatro intérpretes que compõem esta saga. Desta vez, o enredo debruça-se na apanha do medronho que é realizada em plena serra, entre medronheiros, e explora o trabalho duro da colheita, com as canções e as merendas que acompanham esta etapa.

Now that the drama of fire has settled in our memory like a scar that we will always live with, it is possible to return to the medronho cycle in the places where it has not disappeared. We return once again to our Romeo and Juliet from Monchique where we will have the presence of the four actors that make up this saga. This time the narrative deals with the medronho picking that takes place in the middle of the mountains between medronho trees and explores the hard work of the harvest, with the songs and snacks that accompany this stage.

info@lavrarmar.pt • +351 282 144 379 | +351 913 943 034
f /lavrarmar • @ /lavrarmar • www.lavrarmar.pt

Um projecto COSANOSTRA – Cooperativa Cultural, CRL.

Financiado por:



Apoio à comunicação:



Apoio:



355 ALGARVE every day counts

1 · 2 · 3 NOV · MONCHIQUE

MEDRONHO A APANHA

A SANGRADA FAMÍLIA
Giacomo Scalisi · PT

TEATRO NA SERRA E NAS DESTILARIAS
THEATRE IN THE HIGHLANDS AND DISTILLERIES

PONTO DE ENCONTRO | MEETING POINT:
HELIPORTO DE MONCHIQUE – 11H00

LAVRAR O MAR
AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

Co-financiado por:

CRESC ALGARVE 2020

PORTUGAL 2020

UNIO EUROPIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

© João Mariano

1 · 2 · 3 NOV · MONCHIQUE

MEDRONHO A APANHA

A SANGRADA FAMÍLIA

Giacomo Scalisi · PT · M/18+
TEATRO NA SERRA E NAS DESTILARIAS
THEATRE IN THE HIGHLANDS AND DISTILLERIES

PONTO DE ENCONTRO | *MEETING POINT*
HELIPORTO DE MONCHIQUE - 11H00
PROGRAMA DE DIA INTEIRO | *FULL DAY PROGRAMME*

Bilhetes | Tickets 10€ Preço Único | Single Price
Inclui refeição ligeira e provas de medronho
Includes a light meal and medronho tastings

LAVRAR O MAR
AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

www.lavraromar.pt [f / lavraromar](https://www.facebook.com/lavraromar) [@lavraromar](https://www.instagram.com/lavraromar) info@lavraromar.pt +351 282 144 379 +351 913 943 034

Um projecto: **COSANOSTRA** COOPERATIVA CULTURAL

Co-financiado por: **COMISSÃO ALGARVE 2020** **PORTUGAL 2020** **UNião Europeia**

Financiado por: **REPÚBLICA PORTUGUESA** **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **365 ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **deARTES** **aljezur** **MONCHIQUE**

Apoio: **ROTA VICENTINA** **Monchique** **VICENTINA** **Monchique** **amazigh** **Sulinformação** **barlavento** **MONCHIQUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

REPÚBLICA PORTUGUESA **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **TURISMO DE PORTUGAL** www.365algarve.pt [Instagram](https://www.instagram.com/365algarve) [Facebook](https://www.facebook.com/365algarve) [YouTube](https://www.youtube.com/365algarve) **#365algarve**

O PRESENTE DE CÉSAR

M/ 12+

O Presente de César consiste na história de César Tróia e da sua família. Fala do bacalhau, o mais português dos peixes que fala norueguês, das terras de Aljezur e dos bancos da Terra Nova ao largo do Canadá.

Nestas terras, o peso da saudade faz parte do ser. Contamos a história dos homens que escolheram o frio, o nevoeiro, a solidão. Este espectáculo está integrado no Festival da Batata Doce de Aljezur e é também um jantar de bordo com uma ementa especial!

O Presente de César is the story of Caesar Tróia and his family. It speaks of bacalhau (codfish), the most Portuguese of Norwegian-speaking fish, the lands of Aljezur and the banks of Newfoundland, out from the Canadian coast.

In these lands the weight of yearning from home is part of being. Here we tell the stories of the men who chose the cold, the fog, the loneliness.

This show is part of the Aljezur Sweet Potato Festival and is also an onboard dinner with a special menu!

info@lavrromar.pt · +351 282 144 379 | +351 913 943 034
f /lavrromar · @ /lavrromar · www.lavrromar.pt

Um projecto COSANOSTRA – Cooperativa Cultural, CRL.

Financiado por:



Apoio à comunicação:



Apoio:



355 ALGARVE every day counts

28 NOV A 8 DEZ · ALJEZUR · MONCHIQUE

O PRESENTE DE CÉSAR

QUEM VAI PARA O MAR NÃO VOLTA À TERRA

Giacomo Scalisi · PT

TEATRO CULINÁRIO | CULINARY THEATRE

28 · 29 · 30 NOV · 1 DEZ – 19H30 · ALJEZUR – SEDE DO RANCHO FOLCLÓRICO DO ROGIL
5 · 6 · 7 · 8 DEZ – 19H30 · MONCHIQUE – CASA DO POVO DE ALFERCE

Co-financiado por:

LAVRAR O MAR
AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

© Enric Vives-Rubio



LAVRAR O MAR
AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

28 NOV A 8 DEZ · ALJEZUR · MONCHIQUE

O PRESENTE DE CÉSAR

QUEM VAI PARA O MAR NÃO VOLTA À TERRA

Giacomo Scalisi · PT · M/12+
TEATRO CULINÁRIO | *CULINARY THEATRE*

28 · 29 · 30 NOV · 1 DEZ – 19H30 · ALJEZUR · SEDE DO RANCHO FOLCLÓRICO DO ROGIL
5 · 6 · 7 · 8 DEZ – 19H30 · MONCHIQUE · CASA DO POVO DE ALFERCE

Bilhetes | Tickets 10€ Preço Único | Single Price
Inclui jantar | Includes dinner

Interdita a entrada a menores de 12 anos | Minimum age allowed is 12 years old



www.lavraromar.pt [f / lavraromar](https://www.facebook.com/lavraromar) [@lavraromar](https://www.instagram.com/lavraromar) info@lavraromar.pt +351 282 144 379 +351 913 943 034

Um projecto: **COSANOSTRA** COOPERATIVA CULTURAL

Co-financiado por: **PORTUGAL 2020** **UNIO EUROPEA**

Financiado por: **REPÚBLICA PORTUGUESA** **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **365 ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **deARTES** **aljezur** **MONCHIQUE**

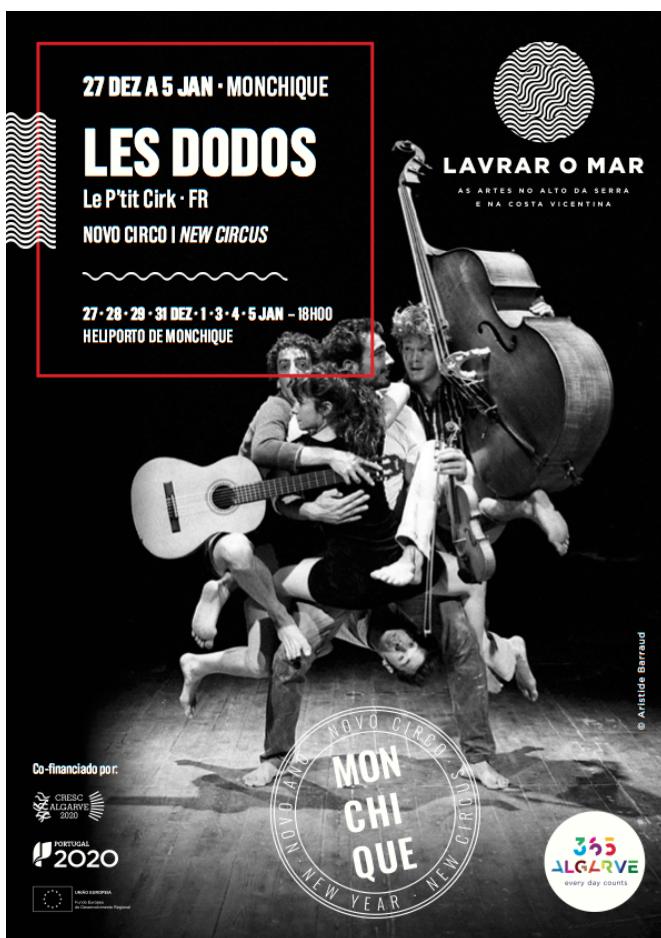
Apoio: **ROTA VICENTINA** **Monchique** **VICENTINA** **Monchique** **amazigh** **Sulinformação** **barlavento** **MONCHIQUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

Apoio à Comunicação:

REPÚBLICA PORTUGUESA **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **TURISMO DE PORTUGAL** www.365algarve.pt [Instagram](https://www.instagram.com/365algarve) [Facebook](https://www.facebook.com/365algarve) [YouTube](https://www.youtube.com/365algarve) **#365algarve**

Monchique, Novo Ano Novo Circo

POSTAL Les Dodos



LES DODOS

M/ 6+

Um espectáculo composto por cinco músicos acrobatas que elaboram modelos de micro-sociedades expressas através de jogos de relações sensíveis de fragilidade, poder e benevolência. A hostilidade do mundo condena-os a inventar mecanismos de sobrevivência freneticamente irrisórios, como as tentativas improváveis de escapar à gravidade através de uma imaginação sem limites. Um espectáculo ritmado onde a música das guitarras, do contrabaixo e do violino é a sua respiração.

A performance made up of five acrobatic musicians who present models of micro-societies expressed through games of sensitive relations of fragility, power and benevolence. The hostility of the world condemns them to inventing frenetically derisive survival mechanisms, such as the unlikely attempts to escape gravity through limitless imagination. A rhythmic performance where the music of guitars, double bass and violin are its breath.

info@lavrarmar.pt · +351 282 144 379 | +351 913 943 034
f /lavrarmar · @ /lavrarmar · www.lavrarmar.pt

Um projecto COSANOSTRA – Cooperativa Cultural, CRL.

De e com | *By and with:* Alice Barraud, Pablo Escobar, Basile Forest, Louison Lelarge, Charly Sanchez Acompanhamento de palco | *Stage support:* Sky de Sela, Christophe Lelarge, Danielle Le Pierrès
Intérpretes | *Performers:* Matthieu Duval, Marie Jolet, Marjolaine Karlin, Julien Michenaud, Carine Nunes, Marc Paret
Operador de chapiteau/luzes | *Tent and lighting operator:* Maël Velly
Técnico de palco | *Stage technician:* Marco Le Bars, Christophe Lelarge, Alex Olléac Cenografia, construção | *Scenography, construction:* Guillaume Roudot Desenho de luz | *Lighting design:* Dominique Maréchal Som | *Sound:* Philippe Olivier Administração/produção | *Administration/production:* Marie Münch Difusão | *Difusion:* AY-ROOP Produção | *Production:* Compagnie LE P'TIT CIRK

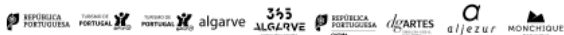
Bilhetes | Tickets
12€ adultos | *adults*
5€ crianças (até aos 11 anos) | *children (up to 11 years old)*

Duração | Running time: 1H25

A entrada neste espectáculo não é permitida a menores de 6 anos
The entry to this performance is not allowed to children under the age of 6

Bilhetes à venda em | Purchase tickets at:
lavrarmar.bol.pt e pontos de venda aderentes (Fnac, Worten, etc)
Monchique – Biblioteca Municipal *Municipal Library*
Aljezur – Casa Lavrar o Mar *Home* – Rua João Dias Mendes, 46

Financiado por:



Apoio à comunicação:





FOREVER, HAPPILY...

M/ 6+

Os sete anões da Branca de Neve querem reunir todas as princesas na sua tenda de circo! Desde maçãs envenenadas a chinelos mal colocados, neste espectáculo, os acrobatas tropeçam no seu capuchinho vermelho, e contam-nos o que precede a história conhecida por todos. Aqui nem tudo é maravilhoso, e as relações humanas são tão frágeis quanto cómicas... As vestes sufocam as princesas, os lobos ficam aterrorizados e os príncipes morrem de exaustão. Um espectáculo que esgota a superficialidade desse "mundo maravilhoso" deslocado da realidade, trazendo uma visão moderna, viva e actual, mas também ridícula.

Snow White's seven dwarves want to gather together all the princesses in their circus tent! From poisoned apples to misplaced shoes, in this performance, the acrobats trip over their red hood and tell us what preceded the well-known stories. Not everything is wonderful here, and human relations are as fragile as they are comical! Here the dresses choke the princesses, the wolves are terrified, and the princes die of exhaustion. A performance that exhausts the superficiality of this "wonderful world" displaced from reality, bringing a modern vision, alive and current, but also ridiculous.

info@lavrarmar.pt · +351 282 144 379 | +351 913 943 034
f /lavrarmar · @lavrarmar · www.lavrarmar.pt

Um projecto COSANOSTRA – Cooperativa Cultural, CRL.

Financiado por:



Intérpretes | Performers: **Simon Bruyninckx, Juliette Correa, Lola Devault-Sierra, Luke Horley, Gabriel Larès, Arne Sabbe, Nickolas Van Corven** Realizador | Director: **Dominique Bettenfeld**
Assistentes artísticos | Artistic Assistants: **Esse Vanderbruggen, Floriane Soyer** Figurinos | Costumes: **Mélinda Mouslim, Emma Auzanneau** Director técnico | Technical director: **Anthony Caruana**
Desenho de luz | Lighting design: **Claude Couffin** Técnico de luz | Lighting technician: **Arjan Hendrickx** Operador de palco | Stage operator: **Nicolas Flacard** Administração/produção | Administration/production: **Eugénie Fraigneau** Comunicação/impressão | Communication/press: **Charlotte Duchamp** Difusão | Diffusion: **Anne-Agathe Prin-Waerenburgh** Cena "Bascule, Blanche-Neige, Violence" escrita por | Scene written by: **Floriane Soyer**
Produção | Production: **Collectif Malunés**

Bilhetes | Tickets

12€ adultos | adults

5€ crianças (até aos 11 anos) | children (up to 11 years old)

Duração | Running time: 1H10

A entrada neste espectáculo não é permitida a menores de 6 anos
The entry to this performance is not allowed to children under the age of 6

Bilhetes à venda em | Purchase tickets at:

lavrarmar.bol.pt e pontos de venda aderentes (Fnac, Worten, etc)
Monchique – Biblioteca Municipal *Municipal Library*
Aljezur – Casa Lavrar o Mar *Home* – Rua João Dias Mendes, 46



LAVRAR O MAR
AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

MONCHI QUE
NOVO ANO · NOVO CIRCO · NOVO CIRCO · NOVO ANO · NEW YEAR · NEW CIRCUS

27 DEZ A 5 JAN · MONCHI QUE

LES DODOS

Le P'tit Cirk · FR · M/6+
NOVO CIRCO | NEW CIRCUS

27 · 28 · 29 · 31 DEZ · 1 · 3 · 4 · 5 JAN - 18H00
HELIPORTO DE MONCHI QUE

Bilhetes | Tickets
12€ Adultos | Adults
5€ Crianças (até aos 11 anos) | Children (up to 11 years old)

Interdita a entrada a menores de 6 anos
Minimum age allowed is 6 years old

365 ALGARVE
every day counts

de Artide Barand

www.lavraromar.pt f /lavraromar @ /lavraromar info@lavraromar.pt +351 282 144 379 +351 913 943 034

Um projecto: **COSANOSTRA** COOPERATIVA CULTURAL

Co-financiado por: **PORTUGAL 2020** **ALGARVE 2020** **REPUBLICA PORTUGUESA** **ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **aljezur** **MONCHI QUE**

Financiado por: **REPÚBLICA PORTUGUESA** **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **365 ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **deARTES** **aljezur** **MONCHI QUE**

Apoio: **ROTA VICENTINA** **Monchique** **DELTA** **VICENTINA** **Monchique** **amazigh** **Sulinformação** **bartavento** **MONCHI QUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

Hotéis Parceiros: **VICENTINA** **Monchique**

Apoio à Comunicação: **Sulinformação** **bartavento** **MONCHI QUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

REPÚBLICA PORTUGUESA **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **TURISMO DE PORTUGAL** **www.365algarve.pt** **MONCHI QUE** **f** **YOUTUBE** **#365algarve**

CARTAZ *Forever Happily...*

LAVRAR O MAR

AS ARTES NO ALTO DA SERRA
E NA COSTA VICENTINA

27 DEZ A 5 JAN · MONCHIQUE

FOREVER, HAPPILY...

Collectif Malunés · BE · M/6+
NOVO CIRCO | *NEW CIRCUS*

27 · 28 · 29 · 31 DEZ · 1 · 3 · 4 · 5 JAN – 21H30
HELIPORTO DE MONCHIQUE

Bilhetes | *Tickets*
12€ Adultos | *Adults*
5€ Crianças (até aos 11 anos) | *Children (up to 11 years old)*

Interditada a entrada a menores de 6 anos | *Minimum age allowed is 6 years old*

www.lavraromar.pt f /lavraromar @ /lavraromar info@lavraromar.pt +351 282 144 379 +351 913 943 034

Um projecto: **COSANOSTRA** COOPERATIVA CULTURAL

Co-financiado por: **CIRCO ALGARVE 2020** PORTUGAL 2020

Financiado por: **REPÚBLICA PORTUGUESA** **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **365 ALGARVE** **REPÚBLICA PORTUGUESA** **deARTES** **aljezur** **MONCHIQUE**

Apoio: **ROTA VICENTINA** **Monchique** **DELTA** **VICENTINA** **Associação Cultural Monchique** **amazigh** **SuInformação** **barlavento** **MONCHIQUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

Hotéis Parceiros: **VICENTINA** **Associação Cultural Monchique**

Apoio à Comunicação: **SuInformação** **barlavento** **MONCHIQUE** **ANTENA 2** **RUA** **RÁDIO FÓIA**

REPÚBLICA PORTUGUESA **TURISMO DE PORTUGAL** **algarve** **TURISMO DE PORTUGAL** www.365algarve.pt **#365algarve**